

AJES – INSTITUTO SUPERIOR DE EDUCAÇÃO DO VALE DO JURUENA
BACHARELADO EM PSICOLOGIA

**UM ESTUDO DE CASO SOBRE O *BULLYING* EM UMA ESCOLA ESTADUAL NO
MUNICÍPIO DE JUÍNA**

Autora: Jislaine Zanardi
Orientador: Dr. Francisco Curbelo Bermudez

JUÍNA/2014

**AJES – INSTITUTO SUPERIOR DE EDUCAÇÃO DO VALE DO JURUENA
BACHARELADO EM PSICOLOGIA**

**UM ESTUDO DE CASO SOBRE O *BULLYING* EM UMA ESCOLA ESTADUAL NO
MUNICÍPIO DE JUÍNA**

**Autora: Jislaine Zanardi
Orientador: Dr. Francisco Curbelo Bermudez**

“Monografia apresentada ao curso de Bacharelado em Psicologia, da Faculdade do Instituto Superior de Educação do Vale do Juruena como exigência parcial para obtenção do título de Bacharel em Psicologia.”

JUÍNA/2014

**AJES – INSTITUTO SUPERIOR DE EDUCAÇÃO DO VALE DO JURUENA
BACHARELADO EM PSICOLOGIA**

BANCA EXAMINADORA

Prof^a. Dr^a. Nádie Christina Machado Spence

Prof^a. Ma. Aparecida de França Villwock

**Prof^o. Dr Francisco Curbelo Bermúdez
ORIENTADOR**

*Dedico exclusivamente este estudo
aos meus queridos e amados pais
Gilberto e Lurdes.
A vocês a minha eterna gratidão.*

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, agradeço à Deus que iluminou o meu caminho durante essa caminhada.

Aos meus pais Gilberto e Lurdes, meus maiores exemplos, os quais amo incondicionalmente. Obrigada por cada incentivo e orientação, pelas orações em meu favor, pela confiança e por acreditar que venceria essa jornada.

Aos meus irmãos Joilson e Josmar que mesmo longe se mostraram, sempre, preocupados e torcendo por mim.

À minha cunhada Diana, que com suas palavras amigas me incentivou a chegar ao meu propósito.

Ao meu querido e amado sobrinho Gustavo, pela compreensão em minha ausência, por alegrar constantemente os meus dias mesmo por telefone e por ser esta brilhante criança. A tia te ama muito!

Ao meu amor Fagney, pelo apoio, carinho e delicadeza me deu força e coragem para vencer mais essa etapa da monografia.

À Ana Patrícia, pela atenção, compreensão e disponibilidade com que sempre me atendeu durante as idas e vindas à escola.

Aos meus colegas de sala, que estiveram comigo durante esses cinco anos de faculdade, em especial a Melissa, pelas constantes madrugadas em prol da realização da monografia. Obrigada!

Ao meu orientador, Curbelo, pelo exemplo de dedicação e profissionalismo. Pela paciência, pelas correções realizadas sempre de forma tão assertiva. Por acreditar em mim.

Aos ilustres professores da banca Nádie e Aparecida, por cada correção e orientação para que este estudo se tornasse qualificado. Obrigada!

A todos que direta ou indiretamente fizeram parte da minha formação, o meu muito obrigado.

*As sementes de violência são lançadas
nos primeiros anos de vida, cultivada e desenvolvida
durante a infância e começam a dar frutos malignos na adolescência*
Roger Marcos

*“Violência não é um sinal de força,
a violência é um sinal de desespero
e fraqueza.”*
Dalai Lama

LISTA DE TABELA

Tabela 1: Compreensão dos professores em relação ao <i>Bullying</i>	40
Tabela 2: Casos de <i>Bullying</i> em sala de aula.....	42
Tabela 3: Avaliação da ocorrência do <i>Bullying</i>	44
Tabela 4: Consequências para os alunos envolvidos.....	46
Tabela 5: Reação do professor diante de casos de <i>Bullying</i>	48
Tabela 6: Atitudes do professor diante casos de <i>Bullying</i>	50
Tabela 7: Estudos na formação acadêmica sobre o fenômeno <i>Bullying</i>	52
Tabela 8: Posicionamento dos professores no combate e prevenção do <i>bullying</i> ;....	54
Tabela 9: Possíveis causas do <i>Bullying</i>	56
Tabela 10: Estímulo da escola para o desenvolvimento dos docentes acerca do <i>bullying</i>	58
Tabela 11: Medidas realizadas pela escola para lidar com o <i>bullying</i>	59
Tabela 12: Conduta da escola frente ao <i>bullying</i>	60
Tabela 13: Atividades que são desenvolvidas no meio escolar em relação ao <i>bullying</i>	61
Tabela 14: Iniciativa própria dos docentes em pesquisar sobre o <i>bullying</i>	62
Tabela 15: Necessidade ou não da presença do psicólogo para auxílio na resolução do <i>bullying</i>	64
Tabela 16: Identificação dos alunos.....	67
Tabela 17: Compreensão dos alunos sobre o <i>Bullying</i>	68
Tabela 18: Alunos vítimas do <i>Bullying</i>	69
Tabela 19: Casos de <i>Bullying</i>	70
Tabela 20: Posicionamento acerca do <i>Bullying</i>	71
Tabela 21: Testemunhar o <i>bullying</i>	72
Tabela 22: Opinião sobre erradicar o <i>bullying</i>	73
Tabela 23: Ponto de vista dos alunos referente as consequências.....	74
Tabela 24: Entendimento dos alunos sobre evitar o <i>bullying</i>	75
Tabela 25: Percepção dos alunos sobre o preparo da escola no enfrentamento do <i>bullying</i>	76
Tabela 26: Motivo de se praticar o <i>bullying</i>	77
Tabela 27: O que é o <i>bullying</i>	82
Tabela 28: Descrição do <i>bullying</i> sofrido.....	84
Tabela 29: Frequência em que o aluno sofreu o <i>bullying</i>	86
Tabela 30: Reação de terceiros em relação ao <i>bullying</i> sofrido.....	87
Tabela 31: Posicionamento da escola em relação ao <i>bullying</i> recebido.....	88
Tabela 32: De que forma a escola tem trabalhado a questão do <i>bullying</i>	90
Tabela 33: Conhecimento da família da vítima de <i>bullying</i>	92
Tabela 34: Orientações dos pais ou responsáveis sobre como lidar com o <i>bullying</i>	94
Tabela 35: Orientações dos professores sobre como lidar com o <i>bullying</i>	96

RESUMO

O presente estudo refere-se a uma pesquisa realizada acerca do *Bullying* escolar em uma Escola Estadual situada no Município de Juína - MT. Visto que, apesar da grande luta pelo combate e prevenção do *bullying*, essa violência está cada dia mais acentuada. A pesquisa teve como objetivo geral compreender a situação do *bullying* na escola como objeto da pesquisa e como objetivos específicos verificar casos de *bullying* existentes; avaliar como está sendo trabalhado estes problema e analisar as considerações de professores e alunos sobre o *bullying*. A pesquisa realizada é de natureza qualitativa e de caráter exploratório e utilizou questionários e entrevistas com alunos entre 15 e 20 anos cursando o Ensino Médio Regular e Ensino Médio Técnico nos períodos matutino e vespertino, assim como professores formados em várias áreas de conhecimento. Para tanto, os resultados obtidos através dessa pesquisa apontam para a grande frequência dos atos de *Bullying* na escola, pois as formas de violência que mais se destacam nos sujeitos da amostra está relacionada as agressões verbais e psicológicas. Desse modo, esse tema é abordado em palestras, filmes e questões específicas para cada turma, mas na visão dos alunos não é claro e suficiente para a sua compreensão. As causas apresentadas que levam a prática do *bullying* estão relacionadas à desestrutura familiar, brincadeiras de mau gosto, jovens com problemas na formação do eu, vingança e inveja. Contudo, as consequências, baixa autoestima, sentimentos negativos, retraimento, angústias, estresse e depressão advindas dessa violência reforçam a necessidade da presença do psicólogo no ambiente escolar trabalhando com prevenção e enfrentamento da violência escolar auxiliando para que a escola se torne um ambiente de relações mais saudáveis.

Palavras-chave: *Bullying*; Violência escolar; Alunos; Professores.

ABSTRACT

The present study refers to a survey about school bullying in a public school located in the city of Juína - MT. Since, despite the great struggle for combating and preventing bullying, that this violence every day stronger. The research aimed to understand the situation of bullying at school, as the research object and verify specific instances of bullying existing goals; evaluate how this problem is being worked on and analyze the considerations of teachers and students about bullying. The research is qualitative and exploratory in nature and utilized questionnaires and interviews with students between 15 and 20 years in high school and Regular Technical High School in the morning and afternoon, as well as teachers trained in various areas of knowledge. Therefore, the results obtained through this research point to the high frequency of acts of bullying in school, because the forms of violence that stand out in the subjects of the sample is related to verbal and psychological abuse. However, this issue is addressed in lectures, films, and issues specific to each class, but in view of the students and it is not clear enough for your understanding. The causes presented that lead to bullying are related to family dysfunction, pranks, young people with problems in the formation of the self, revenge and envy. However, the consequences, low self-esteem, negative feelings, withdrawal, anxiety, stress and depression resulting from this violence, reinforce the need for the presence of the psychologist in the school working with the prevention and fight against school violence to helping the school to become an environment healthier relationships.

Keywords: Bullying, school violence, students, teachers.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
CAPÍTULO I	13
1.1 Violência Escolar	13
1.1.1 Conceito e Histórico do <i>Bullying</i>	17
1.1.2 Formas de <i>Bullying</i>	20
1.1.3 As vítimas, o agressor e as testemunhas	22
1.2 Formação da personalidade	26
1.3 Consequências psicológicas e comportamentais advindas do <i>Bullying</i>	28
1.4 Formas de Combate e Prevenção do <i>Bullying</i>	29
1.5 Psicologia Escolar e o papel do Psicólogo perante o <i>bullying</i> no contexto escolar	30
CAPÍTULO II	33
2.1 METODOLOGIA	33
2.1.1 Caráter / Delimitação da Pesquisa	33
2.1.2 Estratégia de Pesquisa	35
2.1.3. Seleção dos sujeitos da pesquisa	35
2.1.4. Descrição dos instrumentos utilizados	36
2.1.5. Procedimentos da pesquisa / coleta de dados	37
CAPÍTULO III	40
3.1 Respostas dos professores às questões relacionadas ao questionário	40
3.1.1 Análise das respostas ao questionário aplicado aos professores	57
3.2 Respostas dos professores em relação à entrevista	58
3.2.1 Análise das respostas dos professores às questões a eles formuladas na entrevista.	65
3.3 Respostas dos alunos às questões relacionadas ao questionário	66
3.3.1 Análise das respostas dos alunos às questões a eles formuladas no questionário.....	78
3.4 Respostas dos alunos às questões a eles formuladas na entrevista	81
3.4.1 Análise das respostas dos alunos às questões a eles formuladas na entrevista.	98
3.5 Análise das respostas aos questionários e entrevistas aplicados aos alunos.....	100
3.6 Análise professor/ Aluno	101
CONSIDERAÇÕES FINAIS	102
REFERÊNCIAS	104
APÊNDICE	109

APÊNDICE A – QUESTIONÁRIO PROFESSOR	109
APÊNDICE B – QUESTIONÁRIO PILOTO ALUNO.....	112
APÊNDICE C - QUESTIONÁRIO ALUNO.....	115
APÊNDICE D - ROTEIRO DE ENTREVISTA PARA A VÍTIMA	118
APÊNDICE E - ROTEIRO DE ENTREVISTA PROFESSOR	119

INTRODUÇÃO

Jovens do meio escolar se deparam, todos os dias, com diversas formas de violência que se apresentam travestidas de brincadeiras. Esse fenômeno, antes considerado inofensivo, pode trazer graves consequências os envolvidos.

O *bullying* é considerado um fenômeno muito antigo por se tratar de uma forma de violência que sempre existiu nos meios escolares. Porém, apesar da grande luta pelo combate e prevenção, esta violência está aumentando cada dia mais e com consequências negativas para as vítimas.

Levando em consideração o que foi abordado, surge a ideia de desenvolver uma pesquisa científica que buscará aprofundar na compreensão desse fenômeno existente em toda a sociedade e mais especificamente nas escolas em nosso país. Pesquisar essa questão é muito importante, pois pode possibilitar o combate e a prevenção. Acreditamos que o psicólogo tem muito a oferecer na prevenção, na pesquisa e no combate a esse fenômeno, atuando conjuntamente com outros profissionais.

Desse modo, argumentamos a seguinte questão: Qual a situação existente do fenômeno *Bullying* na escola objeto da pesquisa?

Ao colocar este problema de pesquisa, nos situamos na posição do psicólogo que busca subsídios para sua atividade prática profissional para a qual o conhecimento de cada realidade específica concreta é fundamental para sua atividade prática: “cada caso é um caso”.

A motivação pela escolha desse tema como fonte de pesquisa deu-se pelo desejo de ampliar os conhecimentos sobre essa temática, buscando compreender os diferentes comportamentos frente ao *bullying*. Outro fator a ponderar foi o grande interesse em conhecer qual pode ser o papel do psicólogo na escola e a contribuição da psicologia frente a esse cenário.

Nessa lógica, a pesquisa tem como objetivo geral compreender a situação do *bullying* na escola, objeto da pesquisa através de uma amostra. Dessa forma, destaca-se como objetivos específicos verificar casos de *bullying* existentes na escola pesquisada; avaliar como está sendo trabalhado esse problema; analisar as considerações de professores e alunos sobre o *bullying* diante de uma amostra.

A pesquisa foi desenvolvida em uma Escola Estadual situada no município de Juína - MT. Os sujeitos da pesquisa são professores licenciados e alunos entre 15 a 20 anos do Ensino Médio Regular e Ensino Médio Técnico. A escolha dessa escola como campo de pesquisa se deu pelo fato de nela estudarem apenas adolescentes.

A monografia está estruturado em três capítulos: o primeiro apresenta o referencial teórico, discutindo como a violência cometida dentro do ambiente escolar vem sendo estudado ao longo dos anos. Na sequência, tratamos o conceito de *bullying* na perspectiva de vários autores, bem como o histórico dos estudos realizados sobre esse fenômeno até chegar ao Brasil.

Apresentaremos em seguida sobre a personalidade, considerada como um conjunto de condições externas através dos quais são retratadas a violência e o *bullying*.

Abordamos também as consequências psíquicas e comportamentais nas crianças e jovens, devido à violência que podem perdurar por uma vida inteira.

Buscaremos mostrar em seguida, as formas de combate e prevenção do *bullying* escolar. E para concluir a discussão teórica discorreremos sobre a importância do psicólogo inserido no ambiente escolar.

No segundo capítulo apresentaremos a metodologia, organizamos os procedimentos para a coleta de dados, levando em consideração a pesquisa qualitativa de caráter exploratório com a técnica do estudo de caso utilizando questionários e entrevistas com professores e alunos da respectiva escola pesquisada.

O terceiro capítulo apresenta a análise dos dados coletados através dos questionários e entrevistas. E por último, as considerações finais objetivando atingir o problema e os objetivos traçados ao longo da pesquisa.

CAPÍTULO I

Neste capítulo, primeiramente, discorreremos sobre a violência escolar trazendo as diferentes definições sobre o termo e especificamente sobre o *bullying* como um segmento da violência. Dessa forma, abordaremos o conceito e o histórico do fenômeno trazendo os primeiros estudos realizados até chegar ao Brasil, bem como as formas de *bullying* existentes.

Posteriormente nos referimos à personalidade considerada como um conjunto de condições externas através das quais são retratadas a violência e o *bullying*.

Mostraremos a seguir as consequências psicológicas e comportamentais que o *bullying* pode acarretar nos indivíduos envolvidos, abordando as formas de combate e prevenção frente ao *bullying*, bem como a contribuição da psicologia e o papel do psicólogo escolar.

1.1 Violência Escolar

A violência está se tornando cada vez mais presente em todos os segmentos da sociedade. E a violência escolar, por sua vez, adquiriu nas últimas décadas uma crescente dimensão, o que a torna uma questão preocupante devido à grande incidência e manifestação em todos os níveis de escolaridade. Dessa forma, a escola deixa de ser um lugar seguro e passa a ser um ambiente onde pode apresentar diversos tipos de violência.

É importante destacar que a violência está presente em todos os segmentos da sociedade, as quais podem apresentar diversas formas e características. Podemos destacar a violência doméstica, contra crianças, adolescentes, mulheres, homossexuais, idosos, deficientes, violências psicológicas, institucional, entre tantas outras presentes em nosso cotidiano.

É sabido que hoje a violência no ambiente escolar é real e já representa uma parcela dos flagelos sócio-políticos em nosso país. Não é possível definir uma causa específica, tendo em vista que é um problema multicausal. O que se pode é inferir que a associação de diversos fatores em um determinado contexto possa levar as

exteriorizações da violência. Dentre esses fatores estão a miséria, as desigualdades sociais, a dificuldade de acesso ao mercado de trabalho e mesmo a figura insuficiente ou ineficaz do Estado. Apesar disso, é necessário entender a violência na esfera cultural e psicossocial de todos os indivíduos, dos conglomerados e da sociedade, tendo em vista que, apesar de os fatores de ordem socioeconômica ser importantes, não são os únicos determinantes.

Ao buscar uma definição específica para esse termo, notou-se a carência dos autores em conceitua-la, uma vez que a violência de modo geral irá depender das inter-relações as quais os indivíduos estão inseridos. Dessa forma, Sposito (1998) apud Rosa (2010), frisam que é necessário que se estude de forma mais abrangente a epidemiologia da violência escolar, tendo em vista que seus processos são de natureza ampla e ainda pouco conhecidas.

Andrade (2007) ressalta que:

Violência é toda forma investida de ataque, assalto, provocação, hostilidade, ofensa, acometimento, abandono, exploração, golpe, insulto, gesto, assédio, conduta com intuito destrutivo (e muitas condutas sem esse intuito, como as necessárias à constituição) capaz de causar sofrimento, dor, constrangimento ou sensação desagradável. (ANDRADE, 2007, p. 6).

Ainda que amplo o conceito trazido por Andrade, acaba restrito, pois as várias formas de violência podem ser ampliadas drasticamente. Temos como exemplo, atos os quais são considerados não violentos, mas que de modo geral, são pura expressões da violência, como no caso da violência simbólica e institucional.

Costa (1986) considera que:

Violência é o emprego desejado da agressividade, com fins destrutivos. Esse desejo pode ser voluntário, deliberado, racional e consciente, ou pode ser inconsciente, involuntário e irracional. A existência desses predicados não altera a qualidade especificamente humana, da violência, pois o animal não deseja, o animal necessita. (COSTA, 1986, p. 39).

Como podemos analisar, o conceito de violência proposto por Costa é bastante amplo. Para ele, a agressividade é algo biológico de cada ser vivo, considerando a sua racionalidade como desejo consciente e planejado de agredir. Portanto, o autor considera que a agressividade é exclusiva do ser humano, não importando se ele é um homem bom ou mal.

Para Minayo (1994), a agressividade está classificada em: violência estrutural, violência de resistência e violência da delinquência. Para a autora, a violência

estrutural está relacionada aos aspectos sociais, políticos e econômicos. No que diz respeito à violência de resistência, considera que esta se refere à resposta à violência sofrida do tipo estrutural. A violência de delinquência também está relacionada aos reflexos da violência estrutural as quais apresentam comportamentos fora da lei pela sociedade de modo que indivíduos possam ser confrontados uns com os outros.

Winnicott (1950), diverge da teoria freudiana pelo fato de defender que a agressividade surge em decorrência do contato com a realidade, a partir de frustrações sofridas e a exigência de um alto nível de amadurecimento por parte do indivíduo. Isso fica claro em sua obra "*Agressão e sua relação com o desenvolvimento emocional*" (1958), onde descarta a hipótese de a agressividade ser inata.

Freud (1930), porém considera que a agressividade tem suas raízes no inato, biológico, a qual se expressa através da pulsão de morte, inveja, ódio, sadismo, etc.

Alguns autores como Andrade e Bezerra (2009), consideram importante diferenciar violência de agressividade. Para ambos, a violência se refere aos aspectos culturais, sociais e econômicos. Já a agressividade, está relacionada ao desenvolvimento humano e que pode ser trabalhado.

Como mencionado anteriormente, a violência está presente em todos os segmentos da sociedade, no entanto, esta pesquisa trabalhou exclusivamente a violência acometida dentro do ambiente escolar. Dessa forma, Sposito (1998) *apud* Rosa (2010, p. 06), considera que "a violência escolar expressa aspectos epidêmicos de processos de natureza mais ampla, ainda insuficientemente conhecidos, que requer investigação". Nessa perspectiva Peralva (1997) *apud* Rosa (2010), ressalta que:

A violência entre alunos constrói-se em torno de duas lógicas complementares: de um lado, encenação ritual e lúdica de uma violência verbal e física; de outro, engajamento pessoal em relações de força, vazias de qualquer conteúdo preciso, exceto o de fundar uma percepção do mundo justamente em termos de relações de força. Nos dois casos, o que está em jogo é a construção e a auto - reprodução de uma cultura da violência.

Charlot (2002), ressalta que para que possamos ter uma boa compreensão de violência escolar é importante que se faça uma diferenciação entre: violência na escola, violência da escola e violência contra a escola. Para o autor, a violência na

escola é compreendida como praticada dentro do ambiente escolar, todavia sem ligação alguma com as atividades oferecidas pela instituição, “quando um bando entra na escola para acertar contas das disputas que são as do bairro, a escola é apenas o lugar de uma violência que teria podido acontecer em outro lugar”. (p. 434). A violência da escola é entendida como aquela em que a escola passa a ser autora e seus alunos vítimas “modos de composição das classes, de atribuição e notas, de orientação, palavras desdenhosas dos adultos, atos considerados pelos alunos como injustos e racistas.” (p. 435). No que diz respeito da violência à escola, esta por sua vez está ligada aos vândalos, os quais vem de fora da escola contra a mesma “quando os alunos provocam incêndios, batem nos professores ou os insultam, eles se entregam a violências que visam diretamente à instituição e aqueles que a representam” (p. 434), ou seja, violência à escola está relacionada aos comportamentos agressivos dos próprios alunos relacionados aos atos de vandalismos cometidos contra a escola.

As várias formas de violência, tanto praticada quanto sofrida, pelos jovens em condição de vulnerabilidade social é motivo de crescente preocupação na sociedade. Essa preocupação se baseia na medida em que os jovens correm riscos de exclusão social.

Um tipo de violência que está muito presente em nosso meio é a chamada violência simbólica. Este termo foi criado pelo Frances Pierre Bourdieu (2007), o qual a define como o processo pelo qual a classe que domina economicamente impõe sua cultura aos dominados. Colaborando com essa ideia, Gomes e Fonseca (2005), consideram que a violência simbólica está relacionada à coibição dos significados simbólicos construídos e espalhados na sociedade de modo geral. As autoras ressaltam que os praticantes dessa violência nem mesmo têm consciência de seus atos.

Abramovay (2002), resalta que a violência simbólica inclui manifestações de: abuso de poder; uso de símbolos de autoridade; agressões verbais e institucionais como a marginalização, discriminação e práticas de estratégias de poder.

O *bullying* é considerado um seguimento da violência e que pode ser considerado parte da violência simbólica, o qual sempre esteve presente nos meios escolares, mas que vem crescendo cada vez mais. Esse fenômeno era visto como

uma forma de violência cometida dentro do ambiente escolar, hoje através das mais variadas pesquisas esse fenômeno passa a ser conceituado.

Infelizmente o fenômeno *bullying* acontece em todos os lugares, seja no trabalho, nos bairros e comunidades, em seus lares e principalmente na escola. Vem mascarado em forma de brincadeira e pode acarretar sérias consequências para as vítimas dessa violência. Para tanto, essa pesquisa abordará especialmente as violências cometidas dentro do ambiente escolar.

1.1.1 Conceito e Histórico do *Bullying*

Fante (2011, p. 29, grifo do autor) conceitua o *bullying* como “comportamento cruel intrínseco nas relações interpessoais, em que os mais fortes convertem os mais frágeis em objetos de diversão e prazer, através de “brincadeiras” que disfarçam o propósito de maltratar e intimidar”.

Fante (2011), destaca ainda que existem diversos termos em outros países para conceituar esses tipos de comportamentos. Na Noruega e Dinamarca o termo é apresentado como *Mobbing*; já na Suécia e Finlândia como *Mobbning*. Os termos utilizados apresentam significados e conotações diferentes. *Mob* tem sua raiz inglesa e refere-se a grupos grandes e anônimos de pessoas que comumente se dedicam ao assédio (FANTE, 2011).

De acordo com Constantini (2004), o *bullying* está ligado ao comportamento de agressividade física, verbal ou psicológica. Pode ter ações individuais ou de grupo, exercida de maneira continuada por jovens definidos como intimidadores. Beane (2010, p. 18), contribui dizendo que “O termo *bullying* descreve uma ampla variedade de comportamentos que podem ter impacto sobre a propriedade, o corpo, os sentimentos, os relacionamentos, a reputação e o *status* social de uma pessoa”. O autor acrescenta que o *bullying* envolve agressões diretas, as quais são intencionais, dolorosas e persistentes.

A psicóloga Silvana Martani (2004),¹ considera que o *bullying* abrange todas as atitudes belicosas, repetidas e propositais que acontecem sem razão clara, realizadas individualmente ou em grupo em desfavor de outro. Isso provoca na vítima sentimentos de dor e angústias que se mantêm através da intimidação com alcunhas, deboches, pirraça, humilhação e outras atitudes. A violência vai além da psicológica, semeando o medo no aluno através de violência física como tapas, furtos, chutes e outras atitudes violentas.

Considerando as afirmações acima, entendemos que o *bullying* está ligado a atitudes agressivas, intencionais e repetitivas que acontecem sem motivação evidente seguido por um ou mais alunos contra outros, com o objetivo de causar dor, angústia e sofrimento.

O fenômeno *bullying* é tão antigo quanto à própria escola, porém pelo fato de acreditar que as brincadeiras não passavam de atos inofensivos entre estudantes não era caracterizado como tal. De acordo com Fante (2011), na década de 70 na Suécia e Dinamarca que surgiram os primeiros interesses sobre este termo.

É importante ressaltar que nem todas as brincadeiras e piadas são consideradas *bullying*. Portanto, o que pode ser estimado *bullying* para uma pessoa, para outra pode não passar de uma simples brincadeira. Para ser caracterizada como tal é necessário ser repetitiva e ter segundas intenções como magoar e maltratar a outra pessoa. Silva (2010, p. 13), acrescenta que, “é necessário que as brincadeiras normais e sadias sejam aquelas as quais todos os participantes se divertem. Quando apenas alguns se divertem à custa de outros que sofrem, isso ganha outra conotação”.

Na Noruega o *bullying* sempre foi motivo de preocupação entre pais e professores, no entanto após três jovens com idade entre 10 e 14 anos se suicidarem por serem alvos de maus-tratos por companheiros da escola que o Ministério da Educação da Noruega lançou mão de uma campanha em escala nacional contra os problemas causados entre vítima e agressor. (FANTE, 2011).

¹ MARTANI, Silvana. **É difícil ser criança.** Disponível em: <http://www.observatoriodainfancia.com.br/article.php3?id_article=419> Acesso em: 3 nov. 2013.

Dan Olweus, pesquisador da Universidade de Bergen, deu início aos primeiros estudos para identificar o problema de forma privativa. Após os estudos feitos por Olweus, pesquisadores do mundo todo começaram a estudar o tema, o que constatou que entre 5% a 35% das crianças do mundo todo sofre com algum tipo de violência que vem em forma de *bullying*. (FANTE, 2011).

De acordo com Freire e Aires (2012), o tema chegou ao Brasil no fim da década de 90 e início de 2000. Os autores consideram ainda que, as pesquisas nesse período englobavam apenas a realidade dos locais onde esses atos aconteciam.

A temática só começou a ser abordada junto à sociedade no Brasil a partir de estudos realizados por Cleo Fante e José Augusto Pedra no ano de 2000. Esses estudos resultaram em um programa denominado Educar para a Paz, o qual era trabalhado o combate ao *bullying*. A Associação Brasileira Multiprofissional de Proteção à Infância e à Adolescência (ABRAPIA) se dedica a estudar, pesquisar e divulgar esse fenômeno desde 2001.

No período de 2002 a 2003, a ABRAPIA realizou uma pesquisa sobre o *bullying* por meio de questionário com alunos cursando entre 5ª. a 8ª. série de 11 escolas dentre elas públicas e privadas no estado do Rio de Janeiro. A pesquisa constatou que dos 5.482 alunos participantes, 40,5% admitiram ter envolvimento com a prática do *bullying*, seja como vítima ou agressor.

Destarte, podemos considerar que tanto os meninos quanto as meninas estão envolvidos nos atos de *bullying*, enquanto as meninas fazem *bullying* na base dos mexericos e intrigas, os meninos tendem a utilizar a força física para firmarem seu poder sobre os demais. Beane (2010), considera que as meninas tendem a se envolver em atos de chantagens emocionais, como intimidações a outras meninas com sofrimento psicológicos, comentários constrangedores, dentre outros. Já os meninos, utilizam mais de agressões físicas para intimidarem indivíduos menores e mais fracos.

De acordo com Fante (2011), o *bullying* pode ser considerado como um fenômeno novo, pois vem sendo objeto de investigação e de estudos nas últimas décadas, causando, assim, interesses da sociedade para as consequências nefastas que o mesmo pode acarretar. “Apesar de os educadores terem consciência

da problemática existente entre agressor e vítima, poucos esforços foram despendidos para o estudo sistemático até princípios da década de 1970". (p. 44).

1.1.2 Formas de *Bullying*

Para Silva (2010), alguns comportamentos se enquadram em formas diretas ou indiretas de realizar *bullying*. Acontece que, na prática, a grande maioria dos atos de violência é de ambos os tipos. Os *bullies*, como são chamados os indivíduos que praticam esse tipo de violência normalmente atacam em grupo.

Dessa forma, as atitudes maldosas fazem com que além da vítima se manter afastado do seu meio social contribui para a evasão escolar. Esse tipo de violência pode ser entendida de diferentes modos: *bullying* físico; verbal; psicológico; sexual e com o avanço da *internet*, uma nova forma de praticar o *bullying* surgiu o denominado *cyberbullying*.

VERBAL

O *bullying* verbal é o mais utilizado nessa forma de violência, às vezes pode ser mais doloroso que o *bullying* físico. Consiste em:

Insultar

Ofender

Falar mal

Fazer gozações

Colocar apelidos pejorativos

Fazer piadas ofensivas

“zoar”

FÍSICA E MATERIAL

As violências físicas são diretas e envolvem situações de:

Bater

Chutar
Espancar
Empurrar
Ferir
Beliscar
Roubar, furtar ou destruir pertences da vítima
Atirar objetos contra as vítimas

PSICOLÓGICA E MORAL

São comportamentos indiretos com a finalidade de destruir a autoestima do indivíduo. Envolvem comportamentos de:

Irritar
Humilhar e ridicularizar
Excluir
Isolar
Ignorar, desprezar ou fazer pouco caso
Discriminar
Chantagear
Intimidar

SEXUAL

São comportamentos indiretos, os quais envolvem abusos de poder:

Abusar
Violentar
Assediar
Insinuar

VIRTUAL

Conhecido como *cyberbullying* realizados pela *internet* através dos mais variados *sites* existentes. Os praticantes do *cyberbullying* se apresentam anônimos e

dessa forma, inventam mentiras, calúnias, boatos com a intenção de humilhar, constranger e maltratar as vítimas.

Willard (2006) *apud* Lima (2011, p. 69), define o *cyberbullying* como “o ato de mandar ou postar material danoso ou outras formas de engajar em agressão social usando a *Internet* ou outros tipos de tecnologias digitais, tais como os celulares de terceira geração”. Sendo assim, as práticas do *cyberbullying* envolvem uso de aparelhos tecnológicos como: celulares, *e-mail*, *sites*, dentre tantos outros instrumentos com a intenção de difamar a vítima causando dor e sofrimento de forma repetitiva.

Os agressores dessa nova violência, a qual vem se alastrando pela comunidade de forma geral criam perfis falsos na *internet* se passando pela vítima, fazem comentários racistas, ou até mesmo montagens em fotos constrangedoras, as quais são enviadas a diferentes *sites*, a fim de prejudicar a integridade pessoal de cada vítima.

1.1.3 As vítimas, o agressor e as testemunhas

Na maioria das vezes as pessoas que mais sofrem com o *bullying* são pessoas mais tímidas, as quais apresentam dificuldades de relacionamentos e de serem aceitas em grupos maiores. Outra característica é a falta de habilidade de se defender diante de situações.

De acordo com Santos (2007),² normalmente as vítimas são aquelas que possuem alguma diferença em relação ao grupo, como obesidade, deficiência física, inteligência acima da média ou dificuldades de aprendizagem.

O Ministério Público lançou uma cartilha contendo os sinais de quem tem sido alvo de *bullying*:

- ✓ Apresentam baixo rendimento escolar;
- ✓ Finge estar doente para faltar à aula;

² **O papel do professor diante do *bullying* na sala de aula.** Disponível em: <<http://www.fc.unesp.br/upload/pedagogia/TCC%20Luciana%20Pavan%20-%20Final.pdf>> Acesso em: 16 nov. 2013.

- ✓ Não se sentem bem ao sair de casa;
- ✓ Volta da escola com roupas ou livros rasgados;
- ✓ Tem alterações extremas de humor;
- ✓ Aparece com hematomas e ferimentos após a aula;
- ✓ Tenta se proteger colocando faca, abridores de lata ou garrafas na bolsa.

As vítimas em geral são classificadas em: vítima típica, vítima provocadora e vítima agressora. As vítimas típicas apresentam pouca habilidade de socialização e não reagem às provocações e agressões dirigidas contra elas. Desse modo, as vítimas típicas podem apresentar características como:

[...] gordinhas ou magras demais, altas ou baixas de mais; usam óculos; são “caxias”, deficientes físicos apresentam sardas ou manchas na pele, orelhas ou nariz um pouco mais destacados; usam roupas fora de moda; são de raça, credo, condição socioeconômica ou orientação sexual diferente [...] (SILVA, 2010, p. 38).

Fante (2011), considera que as vítimas típicas atuam como bode expiatório a um grupo:

É um indivíduo geralmente pouco sociável, que sofre repetidamente as consequências dos comportamentos agressivos de outros e que não dispõe de recursos, *status* ou habilidades para reagir o fazer cessar essas condutas prejudiciais. (p. 72).

Considerando as afirmações acima, entendemos que a vítima típica apresenta dificuldades em se impor a um grupo, seja fisicamente como verbalmente. Sendo assim, é vista aos olhos do agressor como “presa fácil”.

Dessa maneira, qualquer coisa que fuja ao padrão imposto por um determinado grupo pode desencadear o processo de escolha da vítima do *bullying*.

As vítimas provocadoras são capazes de atrair e provocar situações de agressividade contra si mesma. De forma ampla, quando atacadas costumam discutir ou brigar como forma de proteção.

Colaborando com a ideia, Silva (2010) considera que:

Sem perceberem as vítimas provocadoras acabam “dando tiro nos próprios pés”, chamando a atenção dos agressores genuínos. Estes por sua vez, se aproveitam dessas situações para desviarem toda a atenção para a vítima provocadora. (p. 40, grifo do autor).

Fante (2011), assevera ainda que as vítimas provocadoras são pessoas inquietas e imaturas que ao chegar em algum ambiente cria tensões no mesmo. Elas ainda podem ser hiperativas e dispersas.

A vítima agressora costuma reproduzir os maus-tratos sofridos para outra vítima ainda mais frágil como forma de compensação. Silva (2010), ressalta que a vítima agressora costuma utilizar o velho ditado que diz “Bateu, levou” ou “Tudo que vem tem volta”. (p. 42, grifo do autor).

Fante (2011), considera ainda que, as vítimas agressoras estão relacionadas a indivíduos os quais tem sofrido maus-tratos e que por esse motivo tendem a buscar indivíduos considerados mais frágeis para que possam transferir suas agressões sofridas.

De acordo com Silva (2010, p. 43), os agressores podem ser tanto do sexo masculino como do sexo feminino. “Possuem em sua personalidade traços de desrespeito e maldade e, na maioria das vezes, essas características estão associadas a um perigoso poder de liderança que, em geral, é obtido ou legitimado através da força física ou do intenso assédio psicológico”.

Os indivíduos que têm esse tipo de atitude, geralmente aprendem a agir assim no meio familiar. São pessoas desestruturadas emocionalmente, apresentam estrutura familiar fraturada e se sentem depreciados e desamparados. (MARTANI, 2008).

Segundo Fante (2011), os agressores podem adotar comportamentos como: associação com grupos infratores, agressividade sem razão plausível, uso de narcóticos, porte ilegal de armas, roubos, desdém em relação ao mundo a sua volta, acredita ser necessário sempre ganhar e que, caso se imponha usando de violência, conseguirá tudo o que deseja obter na vida.

Os agressores desde cedo infligem normas, não aceitam serem contrariados, se envolvem em pequenos delitos praticando roubos e furtos ou até mesmo destruindo patrimônio público ou privado.

De acordo com Fante (2011), os agressores em sua maioria são membro de famílias desestruturadas em que há pouco ou nenhum relacionamento afetivo. “Os pais ou responsáveis exercem supervisão deficitária e oferecem comportamentos agressivos ou violentos como modelos para solucionar os conflitos”. (p. 73). Podem

adotam condutas antissociais, incluindo o roubo, o vandalismo e o uso de álcool, além de se sentir atraído por más companhias.

O Ministério Público afirma que os agressores podem apresentar comportamentos como:

- ✓ Regressam da escola com as roupas amarrotadas e com ar de superioridade;
- ✓ Apresentam atitude hostil e desafiante com os pais e irmãos e podem chegar a atemorizar lhes, conforme a idade e a força física;
- ✓ São convincentes em sair-se de “situações difíceis”;
- ✓ Exteriorizam ou tentam exteriorizar sua autoridade sobre alguém;
- ✓ Portam objetos ou dinheiro que não justificam.

Dentre os motivos que levam o indivíduo a transformar em agressor, em alguns se dá pelos poucos limites encontrados no decorrer de seus processos educacionais; em outros já se percebe a falta de padrão de educação que consiga mostrar para os mesmos que a autorrealização se dá através de atitudes socialmente produtivas; já em alguns casos estão os que vivenciaram uma ruptura traumática dos pais, os que presenciaram doenças no meio familiar; em outros se encontra a falta de empatia. (SILVA, 2010).

Já os espectadores ou testemunha são aqueles que presenciam os atos de violência contra as vítimas, contudo não reagem ou tomam atitude em relação a isso, muitas vezes por temerem se tornar a próxima vítima. Assim, Fante (2011) considera que o espectador “representa a grande maioria dos alunos que convivem com o problema e adotam a lei do silêncio por temer se transformar em novo alvo para o agressor”. (p. 73).

Segundo Silva (2010), os espectadores podem ser divididos em três grupos distintos: espectadores passivos; espectadores ativos e os espectadores neutros. Os espectadores passivos assumem essa postura por temerem se tornar a próxima vítima, recebem constantemente ameaças caso resolva denunciar ou entregar os agressores. Os espectadores ativos “apesar de não participarem ativamente dos ataques contra as vítimas, manifestam “apoio moral” aos agressores, com risadas e palavras de incentivo”. (p. 46). No que diz respeito aos espectadores neutros, esses

costumam não apresentar sensibilidade ao presenciarem situações de *bullying*, pois em sua grande maioria costumam se omitir diante de tal violência.

1.2 Formação da personalidade

Quando tratamos sobre o *Bullying* na escola e as consequências nos alunos vítimas dessa violência, devemos tratar as personalidades. Como o indivíduo reage e quais serão as consequências dependerão da personalidade de cada um e de sua história. Isso sem esquecer que outros fatores também são importantes, como o apoio familiar e social.

Cada um de nós possui uma personalidade e são os traços dela que definem, em grande parte, nossos interesses, gostos, nossas aversões, reações perante os acontecimentos da vida e, sobretudo, o modo como nos relacionamos com as demais pessoas. A final de contas, os seres humanos se tornam seres sociais.

É notório que a adolescência é um período transitório, no qual nessa fase da vida a formação da personalidade adquire características particulares, sendo assim é uma fase decisiva para o delineamento da relação da pessoa com o mundo. Nesse processo de formação e desenvolvimento as influências familiares, sociais e culturais são de suma importância. Na cultura ocidental é uma etapa de maturação e preparação necessária para incluir o jovem na vida adulta.

É na adolescência, período de grandes transformações, que o jovem busca modelos para sua identidade. Nessa fase, ele se torna sensível e vulnerável às influências do meio, sejam elas construtivas ou destrutivas. O aumento cada vez mais significativo dos vários tipos de violência tornam os jovens, vítimas e agentes ao mesmo tempo. Se a sociedade tiver interesse em diminuir e até suprir a violência, deve promover análises mais aprofundadas, compreender os processos pelos quais ela ocorre na escola, uma vez que esse é um dos espaços onde os jovens mais convivem.

Dessa forma, as consequências advindas do *bullying* irão depender da personalidade de cada indivíduo diante de tal acontecimento. Fante (2011), afirma que os traumas causados por esse fenômeno poderá ou não acontecer, portanto, irá depender da personalidade individual de cada vítima, bem como da sua habilidade de se relacionar consigo mesma, com o meio social e sua família.

A capacidade de um indivíduo lidar com seus problemas e vencer os obstáculos, seja qual for a situação é o que denominamos de resiliência. Dessa forma, Bueno (2012)³, afirma que “A resiliência é o resultado de fatores internos (sua subjetividade e estruturação psíquica) e externos (circunstâncias sociais, econômicas) e o produto disso é a criação de um sentido para a própria vida por meio do estabelecimento de um rumo, uma direção que perpassa os objetivos e projetos na vida de uma pessoa”. Dessa forma, o que pode acarretar consequências para um indivíduo, outra pessoa pode aprender a lidar com a situação sem que traga implicações para a sua vida. Portanto isso só será possível de acordo com a personalidade individual de cada um.

Segundo Braghirolli (2009), na teoria de Rogers o conceito de “eu” atua como padrão organizado por percepções, sentimentos, atitudes e valores, os quais o indivíduo acredita ser particularmente seu. Dessa forma, o “eu” refere-se à autoimagem ou a uma conscientização de si. Assim, a autoimagem, a autoconfiança e o autoconceito de uma pessoa que está sofrendo *bullying* ficam completamente comprometidos.

Um aspecto importante a considerar são os mecanismos de defesa que a pessoa utiliza quando é alvo do *bullying*. Nesse sentido, discorreremos brevemente a teoria de S. Freud sobre isso.

Os mecanismos de defesas estão relacionados à ações subconscientes os quais procuram soluções para os conflitos não resolvidos a nível de consciência. Dessa forma, de acordo com Fadiman (2004), os mecanismos de defesa mais importantes propostos por Freud são: negação; repressão; racionalização; formação reativa; isolamento; regressão e sublimação.

O mecanismo de defesa da negação é o modo pelo qual o indivíduo nega o evento que lhe traz desconforto e perturbação ao seu ego. A repressão é a busca do ego em expulsar eventos que causem ansiedade e temores da consciência. A racionalização refere-se ao processo usado pelo indivíduo para justificar ações e reações consideradas inaceitáveis socialmente. Compreende-se formação reativa

³ BUENO, Chris. **Pessoas resilientes têm a capacidade de dar a volta por cima. Você é uma delas?**. Disponível em: <http://noticias.uol.com.br/saude/ultimas-noticias/redacao/2012/09/07/pessoas-resilientes-tem-a-capacidade-de-dar-a-volta-por-cima-voce-e-uma-delas.htm>. Acesso em: 16 nov. 2014.

como a substituição do desejo inicial e/ ou real do sujeito por comportamentos opostos. O isolamento é a divisão é o desmembramento das partes produtoras de ansiedade de modo que pouco contato permaneça entre o evento causador do estresse e o sujeito. Regressão é o retorno aos comportamentos mais infantis. A sublimação é o processo de se canalizar a energia sexual ou agressiva para novos objetivos. (FADIMAN, 2004).

1.3 Consequências psicológicas e comportamentais advindas do *Bullying*

As consequências advindas do *bullying* não afetam somente a vítima, mas todos os envolvidos em todos os níveis, porém a vítima é a principal prejudicada nesse parâmetro, a qual poderá sofrer efeitos negativos que podem ir muito além do período escolar. “Pode trazer prejuízos em suas relações de trabalho, em sua futura constituição familiar e criação de filhos, além de acarretar prejuízos para a sua saúde física e mental”. (FANTE, 2011, p. 79).

De acordo com Beane (2010), indivíduos vítimas de *bullying* pode se recusar a ir à escola colocando empecilho de modo a justificar a sua ausência. Muitas vezes sentem até náuseas só de pensar em ter que encarar os agressores. A autora acrescenta que o medo, a ansiedade e o estresse podem contribuir para a recusa em ir à escola.

Fante (2011), afirma que os traumas causados por esse fenômeno poderá ou não acontecer, portanto irá depender das características individuais de cada vítima, bem como da sua habilidade de se relacionar consigo mesma, com o meio social e sua família.

O *bullying* agrava em sua maioria problemas preexistente como também pode abrir quadros graves de transtornos psíquicos ou comportamentais, os quais podem trazer sérios prejuízos, muitas vezes, irreversíveis para a vítima. (SILVA, 2010)

De acordo com Fante (2011, p. 79), as consequências psicológicas podem desencadear diversos fatores como:

[...] sentimentos negativos e pensamentos de vingança, baixa autoestima, dificuldades de aprendizagem, queda do rendimento escolar, podendo desenvolver transtornos mentais e psicopatologias graves, além de

sintomatologia e doenças de fundo psicossomático, transformando-a em um adulto com dificuldade de relacionamentos e com outros graves problemas. Poderá também desenvolver comportamentos agressivos ou depressivos e, ainda, sofrer ou praticar *bullying* no seu local de trabalho, em fases posteriores da vida.

Esses distúrbios, infelizmente, são irreversíveis no desenvolvimento da criança. “Enquanto a vítima sofre das mais variadas formas, acarreta outras consequências pessoais, prejudiciais a si mesma, cujos desdobramentos podem afetá-la durante toda vida”. (FANTE, 2011, p. 80).

Silva (2010), assegura que os problemas mais comuns em consultório são: sintomas psicossomáticos; transtorno do pânico; fobia escolar; fobia social (transtorno e ansiedade social – TAS); transtorno de ansiedade generalizada (TAG); depressão; anorexia e bulimia; transtorno obsessivo-compulsivo (TOC) e transtorno do estresse pós-traumático (TEPT). Os quadros menos frequentes são: esquizofrenia, suicídio e homicídio.

1.4 Formas de Combate e Prevenção do *Bullying*

Antes que se desenvolvam meios de intervir e prevenir o *bullying* em determinada escola é preciso conscientizar o meio escolar de que existe o fenômeno e, principalmente, do efeito que pode provocar esse tipo de comportamento.

O *bullying* é, antes de tudo, uma forma específica de violência. Sendo assim, deve ser identificado, reconhecido e tratado como um problema social, complexo e de responsabilidade de todos nós.

A escola precisa atuar de forma determinante para que se consiga a redução desse fenômeno, traçando planos, ações e metas com o objetivo de impedir novos casos e intermediar os já existentes. Para tanto, torna-se necessário uma frente de atuação conjunta entre a família, alunos, unidade escolar e a sociedade. Agindo dessa forma, seremos capazes de ter eficácia em nossos esforços. (SILVA, 2010).

“A ação das escolas perante o assunto ainda está em fase embrionária”, é o que afirma Silva (2010, p. 162). Os profissionais da educação, em sua grande maioria, não estão preparados para identificarem e enfrentarem a violência dentro do ambiente escolar.

Para começar a virar esse jogo, as escolas precisam, inicialmente, reconhecerem a existência do *bullying* (em suas diversas formas) e tomar consciência dos prejuízos que ele pode trazer para o desenvolvimento socioeducacional e para a estruturação da personalidade de seus estudantes. *Bullying* é um fato e não dá mais para botar panos quentes nas evidências. (SILVA, 2010, p. 162).

De acordo com Silva (2010), a coordenação das discussões acerca do tema é conduzida pelas instituições de ensino, de modo que instigue a sociedade a realizar estratégias visando o pronto enfrentamento da situação. Isso somente será possível através da colaboração de especialistas de diversas áreas, desde que tenham domínio sobre a proposição em questão, dentre eles pediatras, psicólogos, psiquiatras e assistentes sociais.

É também imprescindível o estabelecimento de parcerias com instituições públicas ligadas à educação e ao direito, dentre as quais destacamos: Conselhos Tutelares, Delegacia da Criança e do Adolescente, Promotorias Públicas, Varas da Infância e Juventude, Promotorias da Educação. O somatório de forças é capaz de multiplicar a eficácia e a rapidez das medidas tomadas contra o problema. E quando se trata de *bullying*, o tempo sempre trabalha a favor dos agressores e contra as vítimas, que, na maioria das vezes, veem com perplexidade suas vidas sendo destruídas em uma velocidade assustadora. (SILVA, 2010, p. 162).

Para que o aluno consiga transpor suas barreiras e tenha coragem de relatar o que se passa no meio escolar é necessário que se criem meios para que os mesmos sintam segurança de descrever as situações. A autora sugere que escrevam, na forma de anonimato, algo como uma autobiografia escolar. Nela, os professores poderiam identificar pensamentos, sentimentos e emoções que possam estar sendo contidas ou ocultadas pelos alunos.

Quando um professor conhece a realidade da diversidade dos alunos na sua aula, seu papel e desafio é adaptar suas aulas e ensinar a todos. Cada aluno tem seu modo particular de aprender.

1.5 Psicologia Escolar e o papel do Psicólogo perante o *bullying* no contexto escolar

Monteiro (2011, p. 49), através de seus estudos afirma que “A psicologia escolar educacional é um dos setores da psicologia voltada para a atuação de

investigação em contexto educacional considerando a interface da psicologia com áreas afins”.

A psicologia da educação constitui-se no início do século, como uma área de conhecimento que se proponha a estudar questões importantes que interessa na educação escolar e só na década de 1940, tornou-se uma prática profissional que proporcionava o surgimento da psicologia escolar, cuja função seria a de resolver problemas na escola.

Embora existam inúmeras definições sobre o tema, o Manual de Psicologia Escolar (2007) define que o papel do psicólogo escolar envolve:

O psicólogo escolar desenvolve atividades direcionadas com alunos, professores e funcionários e atua em parceria com a coordenação da escola, familiares e profissionais que acompanham os alunos fora do ambiente escolar. A partir de uma visão sistêmica, age em duas frentes: a preventiva e a que requer ajustes ou mudanças. Dessa forma, contribui para o desenvolvimento cognitivo, humano e social de toda a comunidade escolar (p. 17).

Nessa linha de pensamento Fagam e Wise (2002, p. 4), *apud* Monteiro (2011, p. 51) afirmam que:

Um psicólogo escolar é um profissional praticante da psicologia cujo propósito geral é providenciar uma perspectiva psicológica relativamente aos problemas dos educadores e aos clientes que os educadores servem. Esta perspectiva deriva de um amplo treino de base educacional e psicológico, bem como de preparação especializada, que resulta no fornecimento de serviços psicológicos abrangentes de natureza direta e indireta.

De acordo com Del Prette e Del Prette (1996), citado por Freire e Aires (2012), o papel do psicólogo é de suma importância dentro do ambiente escolar, pois envolve uma série de elementos tais como:

A atuação do psicólogo escolar/educacional exige a capacidade de analisar e apreender as múltiplas relações que caracterizam a instituição escolar e os agentes nela envolvidos, além de identificar as necessidades e possibilidades de aperfeiçoamento dessas relações. Logo, o profissional de Psicologia deve enfrentar o desafio de tomar como alvo de sua atuação a complexidade dos processos interativos que ocorrem na escola (DEL PRETTE; DEL PRETTE (1996) *et al* FREIRE; AIRES, 2012).

Freire e Aires (2012), afirmam que o psicólogo é o profissional preparado para efetivar um trabalho de prevenção e enfrentamento da violência escolar, auxiliando para que a escola se torne um ambiente de relações mais saudáveis. Os autores afirmam ainda que, para isso acontecer, o psicólogo deve estar inserido dentro do

ambiente escolar participando e acompanhando do cotidiano de todos os envolvidos para poder atuar de forma específica e mais voltada à realidade.

Monteiro (2011), através da análise sobre a intervenção do psicólogo no ambiente escolar junto aos casos de *bullying* explica que o trabalho do profissional da psicologia ocorre desde a prevenção e sensibilização da comunidade escolar até o aconselhamento e acompanhamento dos alunos vítimas e agressores.

Na atualidade, o psicólogo se insere no processo de aprendizagem e, devido a isso, o mesmo, por vezes, se vê dentro de outros ambientes educativos que podem ser dentro ou fora do ambiente escolar: ora em assessorias, ora na forma de consultorias ou mesmo através de extensão de seus consultórios. As relações fixadas com o aprender vão se entrelaçando para uma atividade em comum que é, nos processos educacionais, viabilizar a saúde mental.

O psicólogo passa a ter um papel de incentivar uma conversa franca entre jovens e adultos, partindo de uma escuta empática que deve ser edificada através de ambientes abundantes de afeição em que seja possível desenrolar a reflexão crítica, instigando a cooperação e o compromisso de todos em relação a seus atos.

CAPÍTULO II

Neste capítulo são apresentados os métodos, técnicas e procedimentos usados para a realização desta pesquisa.

2.1 METODOLOGIA

Buscando aprofundar os conhecimentos sobre a situação do *Bullying* através de uma amostra na escola objeto de pesquisa, este estudo precisou se apropriar de métodos para que tornasse científico.

2.1.1 Caráter / Delimitação da Pesquisa

A presente pesquisa pretende aprofundar-se, de acordo com os objetivos já estabelecidos, na situação acerca do *bullying* escolar em uma Escola Estadual situada no município de Juína MT, a qual possui cerca de 1.500 alunos matriculados no Ensino Médio Regular e no Ensino Médio Técnico. É importante destacar que se trata de uma amostra incluindo 10 alunos e 9 professores, portanto não podemos generalizar a escola como um todo.

Para isso, este estudo utilizou a pesquisa qualitativa uma vez que, para Lakatos e Marconi (2011, p. 269), “A metodologia qualitativa preocupa-se em analisar e interpretar aspectos mais profundos, descrevendo a complexidade do comportamento humano”. Dessa forma, as pesquisas qualitativas contemplam um mínimo de estruturação prévia, portanto, o foco, problemas e hipóteses vão se definindo ao longo da pesquisa.

O método qualitativo justifica-se na presente pesquisa por buscar aprofundar aspectos referentes ao *bullying* existentes no ambiente, ou seja, procura compreender qual é a situação do *bullying* na escola pesquisada.

A pesquisa qualitativa apresenta vários métodos e técnicas. Sendo assim, o método utilizado para esta pesquisa foi o estudo de caso, uma vez que, para

Lakatos e Marconi (2011, p. 276), “o Estudo de Caso refere-se ao levantamento com mais profundidade de determinado caso ou grupo humano sob todos os seus aspectos”. O autor acrescenta que a finalidade da investigação consiste em entender o contexto próprio de cada entrevistado. Trivinos (1987:133) *apud* Lakatos e Marconi (2011, p. 276) apontam que o estudo de caso “é uma categoria de pesquisa cujo objeto é uma unidade que se analisa profundamente”. Nos estudos de caso não é necessário seguir um esquema estrutural, pois os problemas, hipóteses e variações não se organizam em um esquema. Nessa mesma linha de pensamento Lima (2008, p. 34), enfatiza que “o método de estudo de caso corresponde a uma das formas de realizar pesquisas empíricas de caráter qualitativo sobre um fenômeno em curso e em seu contexto real”. O autor ainda acrescenta que o objetivo do estudo de caso na pesquisa qualitativa consiste em favorecer uma visão ampla e profunda da realidade social investigada.

O estudo de caso se fez necessária nesta pesquisa por buscar aprofundar os conhecimentos acerca do problema de modo a compreender a situação do *bullying* na amostra pesquisada.

Gil (2012, p. 27), afirma que as pesquisas exploratórias “são desenvolvidas com o objetivo de proporcionar visão geral, de tipo aproximativo, acerca de determinado fato”. O autor ainda acrescenta que quando o tema é bastante comum é necessário à delimitação dos fatos, o que exige revisão da literatura.

Considerando as afirmações acima, a presente pesquisa é de nível exploratória porque busca compreender e aprofundar os aspectos frente ao *bullying* numa Escola Estadual do município de Juína, haja vista que, embora tenha sido feito inúmeras pesquisas nessa área, nós pretendemos conhecer a situação ou o que poderia servir de base para trabalhos de intervenção do psicólogo nessa escola. Outro ponto a ser considerado é que o pesquisador busca, através da realização desse estudo, adquirir um conhecimento para o qual não está familiarizado e uma possível compilação do tema.

2.1.2 Estratégia de Pesquisa

O método de aplicação se deu através de questionários e entrevistas. Os questionários aplicados abordaram questões abertas e fechadas, uma vez que para Gil (2012), as questões abertas solicitam aos respondentes para que ofereçam suas próprias respostas. Lima (2008, p.77), colabora afirmando que “as perguntas abertas ou livres permitem ao respondente o conteúdo e a forma das respostas de forma livre”.

Considerando as afirmações acima, o uso do questionário na pesquisa se justifica por buscar coletar dados acerca da situação do *bullying* na amostra pesquisada em uma Escola Estadual de Juína.

No que se refere às entrevistas Gil (2012, p. 109), as define “como a técnica em que o investigador se apresenta frente ao investigado e lhe formula perguntas, com o objetivo de obtenção dos dados que interessam à investigação”. Portanto, as entrevistas sevem como interação social entre o pesquisador e o pesquisando. Seguindo essa visão, Lakatos e Marconi (2011, p. 280), consideram que a entrevista “trata-se de uma conversa oral entre duas pessoas, das quais uma delas é o entrevistador e a outra o entrevistado. O papel de ambos pode variar de acordo com o tipo de entrevista”.

Dessa forma, as entrevistas foram utilizadas na pesquisa com o propósito de aprofundar as informações referentes ao questionário de modo que oferecesse uma visão aproximativa do problema pesquisado.

Quanto ao tipo de entrevista esta aconteceu de caráter semiestruturada de modo que os entrevistados pudessem se sentir livres para expressar suas opiniões acerca do tema.

2.1.3. Seleção dos sujeitos da pesquisa

A escolha da escola como campo de pesquisa deve-se ao fato de nela estudarem apenas adolescentes, sendo estes os principais envolvidos nessa violência.

Dessa forma, foram aplicados questionários e entrevistas com professores e alunos da respectiva escola. Devido ao tempo destinado não foi possível realizar a pesquisa com todos os professores e alunos existentes na escola, sendo necessário fazer um recorte.

Os professores participantes da pesquisa foram indicados pela coordenadora local da escola pelo fato de em suas salas de aula existir casos de *bullying*. Os professores possuem formação nas mais variadas licenciaturas sendo o mesmo realizado no período matutino em que estes estão em hora atividade.

Já os alunos que participaram da pesquisa cursam entre 1º ao 3º ano do Ensino Médio Regular e Ensino Médio Técnico no período matutino e vespertino, com idades entre 15 a 20 anos. Esses foram indicados pelos professores considerando que eles seriam possíveis vítimas, agressores e testemunhas.

No total participaram da pesquisa dez pessoas, sendo (9) professores e dez (10) alunos.

2.1.4. Descrição dos instrumentos utilizados

Os questionários aplicados aos professores continham nove (9) questões, sendo oito (8) abertas e uma (1) fechada. O tempo destinado para as resposta duraram cerca de 15 minutos, haja vista que os mesmos foram respondidos no período em que estavam em hora atividade. As questões abordadas buscavam conhecer as seguintes informações (ver apêndice A.):

- ✓ Compreensão sobre o *bullying*;
- ✓ A existência do fenômeno em sala de aula;
- ✓ A frequência do *bullying* na escola e em sala de aula;
- ✓ Consequências as quais a vítima está sujeita;
- ✓ Reação do professor frente ao *bullying*;
- ✓ Ponto de vista sobre as atitudes dos professores contribuírem para casos de *bullying*;
- ✓ Ter estudado em sua formação sobre o fenômeno;

- ✓ Qual o posicionamento destes em relação ao combate e prevenção do *bullying*;
- ✓ As causas do *bullying*.

Com a análise do questionário piloto (apêndice B), os alunos tiveram dificuldades em responder a questão número oito (8) no que diz respeito “as consequências que o *bullying* provocou em você”. Dessa forma, o questionário (apêndice C), passou por uma série de mudanças o qual passou a abordar informações como:

- ✓ Escolaridade dos pais dos pesquisados;
- ✓ Compreensão que tinham sobre o *bullying*;
- ✓ Se já sofreram essa violência e quais as consequências que o mesmo ocasionou;
- ✓ Caso não sofreu o que o faria se fosse vítima;
- ✓ Opinião sobre o fim do *bullying*;
- ✓ Ponto de vista sobre as escolas estarem preparadas para lidar com essa situação.

No que se refere as entrevistas com os alunos, estas aconteceram de forma semiestruturada e abordaram as mesmas informações do questionário. Já as entrevistas com os professores também ocorreram de forma semiestruturada de modo que os mesmos pudessem colocar seus respectivos pontos de vistas.

2.1.5. Procedimentos da pesquisa / coleta de dados

De acordo com Gil (2012, p. 49), o delineamento refere-se ao planejamento da pesquisa em sua dimensão mais ampla, envolvendo tanto a sua diagramação quanto a previsão de análise e interpretação dos dados. Entre outros aspectos, o delineamento considera o ambiente em que são coletados os dados, bem como as formas de controle das variáveis envolvidas.

A presente pesquisa foi realizada na seguinte sequência: revisão bibliográfica, aplicação do questionário com professores, estudo piloto com os alunos, aplicação

dos questionários aos alunos, elaboração do roteiro de entrevista com professores e alunos, entrevistas com alunos e professores, descrição e análise dos dados e conclusão.

A pesquisa bibliográfica foi realizada com o intuito de analisar os diferentes conceitos e entendimentos dos mais variados autores acerca do tema. Pois, como afirma Gil (2012, p. 50), “A pesquisa bibliográfica é desenvolvida a partir de material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos”.

Realizado o levantamento bibliográfico, foi realizado o questionário com os professores. A aplicação aconteceu de forma frontal com todos os professores participantes da pesquisa. Após a realização destes à medida que foram entregando os questionários foram feitas as indicações dos alunos que participaram da pesquisa.

Primeiramente foi realizado o estudo piloto com dois alunos no período matutino. Antes da aplicação dos questionários foram feitas as seguintes orientações: foram informados sobre os objetivos da pesquisa e que durante as respostas e/ou no final da aplicação caso surgissem dúvidas comunicassem a pesquisadora.

Barros (1990), afirma que antes da aplicação definitiva do questionário é necessário que se aplique um pré-teste ou pré-inquérito, a fim de que aja uma “[...] compreensão das questões; verificação de dúvidas e das dificuldades no preenchimento; necessidade de introdução ou supressão de perguntas” (BARROS, 1990, p. 76). Corroborando com essa ideia Gil (2012, p. 134), afirma que:

A finalidade desta prova, geralmente designada como pré-teste, é evidenciar possíveis falhas na redação do questionário, tais como: complexidade das questões, imprecisão na redação desnecessidade das questões, constrangimentos ao informante, exaustão etc.

Lakatos e Marconi (2011, p. 227), ressaltam que “o pré-teste permite também a obtenção de uma estimativa sobre os futuros resultados, podendo, inclusive, alterar hipóteses, modificar variáveis e a relação entre eles”.

Após análise sobre as dúvidas do questionário piloto foram feitas as mudanças no que diz respeito a escolaridade dos pais e na estrutura dos mesmos. Dando sequência, passou-se para a aplicação dos questionários para os alunos

indicados pelos professores e coleta de dados. O mesmo se encontra anexado aos apêndice ao final da pesquisa (apêndice C).

Neste questionário foram feitas perguntas abertas e uma pergunta fechada. Devido os alunos serem de turma e períodos diferentes, a coleta dessas informações aconteceram em dias alternados.

Em seguida, foi elaborado o roteiro de entrevista aos os alunos, o qual abordou os mesmos assuntos apresentados no questionário. As entrevistas foram de caráter semiestruturada e realizadas com as mesmas pessoas, as quais responderam ao questionário. Portanto, as entrevistas tiveram média de 60 minutos o que variou muito na disponibilidade do entrevistado em discorrer sobre os assuntos apontados.

No que diz respeito às entrevistas com professores, estas foram realizadas com a direção e coordenação da escola bem como com os professores em período em que os mesmos se encontravam em hora atividade. As entrevistas foram de caráter semiestruturada.

Os participantes da pesquisa foram devidamente avisados sobre os interesses e objetivos da pesquisa e por se tratar de informações a respeito de seus respectivos pontos de vistas não teriam suas identificações abordadas. Pois como afirmam Lakatos e Marconi (2011, p. 280), “O pesquisador, antes da entrevista, deve informar ao entrevistado sobre o interesse, a utilidade, o objetivo, as condições da mesma e o compromisso do anonimato.” Dessa forma, os participantes assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido para que a pesquisa se concretizasse.

É importante ressaltar que a pesquisa foi desenvolvida nos meses de agosto à novembro do ano de 2014.

CAPÍTULO III

Neste capítulo são apresentadas as descrições e análises dos resultados da pesquisa através dos questionários e entrevistas com professores e alunos na escola objeto da pesquisa.

3.1 Respostas dos professores às questões relacionadas ao questionário

Apresentaremos e analisaremos os dados obtidos (pergunta por pergunta) na aplicação do questionário aos 10 professores.

Tabela 1: Compreensão dos professores em relação ao *Bullying*

O que é <i>Bullying</i>? Qual é a compreensão que o(a) senhor(a) tem do <i>Bullying</i>?	
PROFESSOR A	Uma palavra americana que simboliza a exclusão social seguida de perseguição sem motivo ou só por implicância.
PROFESSOR B	É quando riem ou agredem com palavras ou agressões físicas pessoais que são: gordas, deficientes físicos, deficientes mentais, cor da pele, idosos. Exigem que sejam perfeitos.
PROFESSOR C	<i>Bullying</i> é um ato agressivo, físico moral, psicológico, discriminatório contra outro.
PROFESSOR D	Seria a discriminação por atitudes ou maneiras diferentes da grande maioria e não aceitação em determinado grupo.
PROFESSOR E	<i>Bullying</i> é toda situação que ocorre discriminação.
PROFESSOR F	<i>Bullying</i> é a agressão física, verbal ou psicológica que ocorre no ambiente escolar entre os alunos.
PROFESSOR G	É um termo inglês utilizado para designar a prática de atos agressivos entre estudantes. É como se fosse uma

	intimidação caracterizada por algumas peculiaridades muito interessante ao que diz respeito às ações agressivas intencionais e repetitivas, praticados por um ou mais contra outro.
PROFESSOR H	É o modo que algumas pessoas tem ao retratar ao próximo como pessoa inferior, insignificante. Ou poderia ser, o modo de tratar o próximo por sua cor, peso, altura, deficiência ou <i>status</i> sociais.
PROFESSOR I	<i>Bullying</i> consiste no ato de rir, debochar, implicar com o outro. O <i>Bullying</i> pode ser praticado por grupos ou uma só pessoa diferente aos olhos do praticante (s), seja pela cor, raça, religião, classe social, opção sexual, aspectos físicos, psicológicos, linguísticos, entre tantos outros.

Fonte: ZANARDI, Jislaine (2014) - Questionário Aplicado.

Diante das respostas expostas, os professores consideram que o *bullying* constituem atos de agressividade e discriminação seja ela devido a diferentes aspectos físicos, psicológicos ou mesmo sociais. Os professores não possuem uma compreensão completa do que é o *bullying*, também não consideram a frequência e intensidade dos atos e nem as testemunhas.

Tabela 2: Casos de *Bullying* em sala de aula

Na sua sala já aconteceu ou acontece casos de <i>Bullying</i>? Explique.	
a) Aconteceu ()	b) Acontece ()
c) Não aconteceu/accontece ()	
PROFESSOR A	Acontece. Alunos que discriminam ou excluem os colegas e nem percebe que estão magoando. Muitos quando indagados acham normal. O profissional precisa estar atento para amenizar o caso e se for grave tomar as devidas providências.
PROFESSOR B	Acontece. Os alunos não deixam passar, fazem sátiras, diminuem a pessoa e se ela for enfraquecida piora a situação.
PROFESSOR C	Acontece. Na maioria dos casos são agressões físicas, discriminatório em relação a localidade onde moram e também moral e psicológico.
PROFESSOR D	Aconteceu. Uma aluna tem dificuldades para compreensão dos conteúdos e provavelmente na família, pois em sala já ouvi boatos e apelidos que foram de bom tom, ou seja, foram pejorativos.
PROFESSOR E	Acontece. O próprio sistema educacional, produtivista. Ou seja, a educação pública tem todos os problemas sociais dentro da escola. E o bom aluno tem futuro e o péssimo aluno resolve sua situação.
PROFESSOR F	Acontece. Todo ano em algumas turmas é possível verificar o <i>bullying</i> , geralmente a manifestação encontrada na escola é a “brincadeira” de colocar apelidos em alguns colegas.
PROFESSOR G	Aconteceu. Através de um grupo de alunos contra uma aluna. A coordenação foi avisada e conversou com os alunos e seus pais.
PROFESSOR H	Acontece. Algumas brincadeiras desagradáveis com relação a inteligência do colega, onde diz que fulano é assim porque mora em tal lugar inferiorizado da cidade. E sobre vestimenta, cabelo, cor, etc.

PROFESSOR I	Acontece. São tantos, mas irei explanar sobre os praticados pela sala inteira a uma única aluna pelo fato de ela ser de outra religião e falar “diferente”. Aproveitei para trabalhar as variações linguísticas.
--------------------	--

Fonte: ZANARDI, Jislaine (2014) - Questionário Aplicado.

Dos professores entrevistados, pode-se verificar que a maior parte refere que o *Bullying* atualmente acontece na sala de aula.

Dentre a literatura se classificam o *bullying* em diferentes tipos, sejam eles: verbal, psicológico, físico, sexual e virtual. Desses é considerando as falas trazidas pelos professores os que mais acontecem dentro da escola são: verbal (sátiras, colocar apelidos pejorativos) e Psicológico (discriminação).

Tabela 3: Avaliação da ocorrência do *Bullying*

Como(a) senhor(a) avalia a ocorrência do <i>Bullying</i>?	
a) <u>Na escola:</u> É muito frequente () É frequente () Ocorre às vezes () É muito raro () Não ocorre ()	
b) <u>Em sala de aula:</u> É muito frequente () É frequente () Ocorre às vezes () É muito raro () Não ocorre ()	
PROFESSOR A	a) Na escola: é frequente. b) Em sala de aula: é frequente.
PROFESSOR B	a) Na escola: ocorre às vezes. Em sala de aula: ocorre às vezes.
PROFESSOR C	a) Na escola: ocorre às vezes. Em sala de aula: é frequente.
PROFESSOR D	a) Na escola: ocorre às vezes. Em sala de aula: ocorre às vezes.
PROFESSOR E	a) Na escola: é frequente. Em sala de aula: é frequente.
PROFESSOR F	a) Na escola: ocorre às vezes. Em sala de aula: Ocorre às vezes.
PROFESSOR G	a) Na escola: é muito frequente. Em sala de aula: é frequente.
PROFESSOR H	a) Na escola: é muito frequente. Em sala de aula: é frequente.
PROFESSOR I	a) Na escola: é frequente. Em sala de aula: é frequente.

Fonte: ZANARDI, Jislaine (2014) - Questionário Aplicado.

Constatamos a partir das respostas dos professores que, o fenômeno *bullying* está presente em todos os segmentos, seja no interior da escola como na sala de aula.

Nesse quesito, metade dos professores responderam que consideram frequente a violência, tanto em sala de aula quanto na escola como um todo. Uma

parte menor consideram que ocorre às vezes em ambas opções e um considera que na escola ocorre às vezes e na sala frequentemente.

Tabela 4: Consequências para os alunos envolvidos

Você acha que esse tipo de comportamento, ou seja, o <i>Bullying</i>, pode trazer consequências para os alunos envolvidos? Quais? Explique.	
PROFESSOR A	Sim. Baixa autoestima; abandono escolar; recusa em desenvolver trabalhos em grupos; deixa de realizar atividades propostas em sala.
PROFESSOR B	Até agora o que fazemos é registrar e levar o caso à coordenação da escola.
PROFESSOR C	Sim, baixo rendimento escolar, depressão, isolamento, pois quem é agredido muitas vezes se calam.
PROFESSOR D	Sim, talvez maior intimidação e introspecção.
PROFESSOR E	Toda situação de desconforto provoca algum tipo de trauma.
PROFESSOR F	Sim, tanto para aquele que é vítima que fica muitas vezes ridicularizados, o que afeta sua autoestima e também para o agressor que mantêm a agressividade como mecanismo para lidar com seus problemas.
PROFESSOR G	Sim, é um perigo a estima de si ou do valor que atribui tanto para baixa autoestima como para alta. Quem sofre é perseguido, humilhado e intimidado. Quem pratica atribui-se a critérios da intenção, ou seja, são atos pensados, calculados e praticados várias vezes. Consequências psicológicas, físicas e sociais.
PROFESSOR H	Depende, caso seja uma pessoa que tem antecedentes de graves problemas na família com certeza terá consequências, mas se a pessoa ofendida souber lidar passa. Um dos problemas pode ser o afastamento do convívio social e a tristeza profunda.
PROFESSOR I	Sim. Alguns conseguem superar, outros não. Alguns carregarão aquela sensação de impotência de inferioridade pelo resto da vida, outros serão violentos, agressivos, afinal somos humanos e de alguma forma procuramos nos defender.

Fonte: ZANARDI, Jislaine (2014) - Questionário Aplicado.

Segundo Fante (2011, p. 79), as principais consequências do *bullying* são: “[...] sentimentos negativos e pensamentos de vingança, baixa autoestima, dificuldades de aprendizagem, queda do rendimento escolar, podendo desenvolver transtornos mentais e psicopatologias graves”.

A maioria dos professores responderam categoricamente que o *Bullying* acarreta, sim, consequências nos alunos vítimas. Os efeitos mais lembrados pelos docentes foram baixa autoestima e alterações no desenvolvimento escolar.

Uma minoria refere que alguns alunos podem superar as agressões sem sofrer as consequências. Nesses casos, segundo a literatura pode estar relacionado a capacidade de resiliência, o que pode acarretar consequências para um indivíduo, outra pessoa pode aprender a lidar com a situação sem que traga consequências para a sua vida. Portanto, isso só será possível de acordo com a personalidade individual de cada um.

Tabela 5: Reação do professor diante de casos de *Bullying*

Segundo sua opinião, qual deve ser a reação do professor diante de casos de <i>Bullying</i>? Explique.	
PROFESSOR A	Deve tentar resolver o problema. Se não conseguir procurar coordenação e os pais dos envolvidos para que o problema seja sanado.
PROFESSOR B	Chamar atenção, registrar, descontar notas de cidadania.
PROFESSOR C	Nos casos de <i>bullying</i> deve-se comunicar a coordenação sobre os fatos, e chamando as partes envolvidas para que o fato não ocorra novamente.
PROFESSOR D	Primeiro entender a situação de forma completa, depois aluno por aluno.
PROFESSOR E	A situação é sempre resolvida por orientações. Mas a escola precisa de parcerias. Todavia, resolve apenas o momento e o problema e a causa de <i>bullying</i> continua.
PROFESSOR F	O professor deve estar atento aos alunos e quando perceber o problema intervir fazendo um amplo trabalho com todos os alunos, discutindo a importância na sociedade de valores como: respeito, amizade. É preciso também investigar a causa do <i>bullying</i> .
PROFESSOR G	O primeiro passo é perceber o <i>Bullying</i> em sala de aula constantemente.
PROFESSOR H	O professor deve interferir, apresentando os conceitos, trabalhando de forma participativa com seus alunos; apresentar estereótipos adquiridos desde a infância e encaminhar o problema a coordenação e depois aos cuidados de psicólogos.
PROFESSOR I	Não devemos ignorar e sim falar sobre isso com os alunos no momento que acontece se possível.

Fonte: ZANARDI, Jislaine (2014) - Questionário Aplicado.

Diante da literatura apresentada, Silva (2011), considera que:

Inicialmente, o professor deve se dirigir ao diretor do estabelecimento de ensino, uma vez que este é responsável pela vigilância de tudo que ocorre

no interior das dependências escolares. Cabe ao diretor, como autoridade máxima desse ambiente, realizar uma sindicância interna e tomar as decisões necessárias sobre as condutas e os procedimentos que devem ser adotados pelos professores e por todos os funcionários de sua escola. (p. 169).

Sendo assim, a maior parte dos professores concordam que, a primeira tentativa de resolução, deve ser confrontando os alunos envolvidos. A maioria concorda, também, que caso não tenha sucesso nesta primeira tentativa, o caso deve ser levado à coordenação ou mesmo aos pais.

É importante refletir sobre o problema e procurar parceria conjunta que envolve escola, família e sociedade. Outro ponto diz respeito sobre a importância de uma equipe interdisciplinar inserida na escola com psicólogos, pedagogos, dentre outros.

Tabela 6: Atitudes do professor diante casos de *Bullying*

Você acha que as atitudes do professor podem contribuir para que casos de <i>Bullying</i> ocorram na sala de aula? Explique.	
PROFESSOR A	Sim. Se o mesmo não ter atenção ao que fala poderá provocar o <i>Bullying</i> .
PROFESSOR B	Teríamos que ter ajudas de profissionais na área da psicologia para estes casos ambos precisam de tratamento: o agressor e a vítima.
PROFESSOR C	Sim, mediante á atitudes muito agressivas por parte do profissional pode acabar num baixo rendimento escolar, e até afastando o aluno da escola.
PROFESSOR D	Acredito que não.
PROFESSOR E	Pode contribuir para determinada situação; mas a escola necessita de políticas públicas para resolver o <i>bullying</i> na escola.
PROFESSOR F	Sim, se ele não tomar nenhuma atitude isso fortalecerá o comportamento do agressor.
PROFESSOR G	Sim. Se o professor perceber e não fazer nada para mudar a situação ou mesmo se ele constranger algum aluno.
PROFESSOR H	Com certeza, o professor, mesmo que não pareça é o exemplo dentro e fora da escola. Ele sempre deve lembrar que tudo que ele fale pode ser levado em consideração.
PROFESSOR I	Sim. Um professor é antes de tudo ser humano com características próprias, sejam elas físicas, psicológicas, religiosas, políticas, entre outras. A forma desse sujeito ver o mundo será refletida na forma como ele age e reage no contexto social.

Fonte: ZANARDI, Jislaine (2014) - Questionário Aplicado.

Quanto ao professor contribuir ou não para que ocorra o *Bullying*, a maioria concordam. Justificam dizendo que as atitudes dos mesmos, seja não tomando

alguma posição caso perceba a violência ou mesmo constrangendo o aluno, contribuem para que ocorra esse tipo de agressão.

Tabela 7: Estudos na formação acadêmica sobre o fenômeno *Bullying*

Na sua formação estudou alguma vez sobre o <i>Bullying</i>? Explique.	
PROFESSOR A	Sim, em formação continuada para identificar e tentar resolver o problema e também orientação a procurar outras pessoas para ajudar, se o primeiro não conseguir.
PROFESSOR B	Não, a justiça ainda não considerava esses casos.
PROFESSOR C	Sim, como estou inserido na escola, meu dever é explicar sobre o <i>Bullying</i> , mostrando o que pode acontecer caso isso esteja acontecendo e também para evitar.
PROFESSOR D	Sim. Os casos mais conhecidos eram sobre obesos, loiras, altos, magros, “feios”, e homossexuais.
PROFESSOR E	Sim. Acredito que minha carga horária de formação é mínima mas já é algo para incentivar a busca por novas formações relacionadas ao <i>bullying</i> .
PROFESSOR F	Durante minha formação acadêmica não. Mas já estudamos o <i>bullying</i> nas formações oferecidas na escola. Além disso, busco sempre leituras para compreender melhor o tema.
PROFESSOR G	Sim. O problema maior é que este assunto é trabalhado poucas vezes, ou seja, deveria ter uma orientação melhor sobre este assunto e de forma constante.
PROFESSOR H	Sim, na disciplina de Educação e Inclusão. Foram apresentados algumas situações do cotidiano social e debates.
PROFESSOR I	Não. Na graduação estudamos as disciplinas relacionada a matéria com a qual iremos trabalhar, vemos mais teorias e embora o <i>Bullying</i> seja um assunto antigo só há pouco tempo que passou a ser abordado.

Fonte: ZANARDI, Jislaine (2014) - Questionário Aplicado.

Segundo as respostas acima, a maior parte dos professores estudaram durante sua formação o tema *Bullying*, uns durante a faculdade e outros durante a formação continuada. De forma geral, consideram importante conhecer o assunto.

Tabela 8: Posicionamento dos professores no combate e prevenção do *bullying*;

Segundo sua opinião, o que pode ser feito para evitar e/ou combater o <i>Bullying</i>? Explique.	
PROFESSOR A	Para evitar é complicado pois o ser humano exclui o seu próximo, tem tendência a fazê-lo. O que podemos fazer é identificar os casos ficando atentos e amenizar quando possível e buscando ajuda caso seja necessário.
PROFESSOR B	Ter atendimento de profissionais na área.
PROFESSOR C	Sensibilização dos alunos em relação ao tema, trabalhando em sala.
PROFESSOR D	Identificação de cada aluno e do outro. Representar a sociedade, família, construindo os parâmetros de qualidade e defeitos que todos tem.
PROFESSOR E	
PROFESSOR F	O <i>bullying</i> deve fazer parte das discussões constantes na escola; os alunos precisam entender que ele é uma forma grave de violência para as vítimas. É preciso muito diálogo com alunos e professor sobre o assunto. Acredito que fazer o adolescente refletir sobre o que o <i>bullying</i> pode provocar, como a vítima se sente e quais as necessidades que o agressor procura sanar ao ter esse comportamento é a melhor coisa, para isso é possível organizar palestras, debates, utilizar filmes, etc.
PROFESSOR G	Trabalhar sobre o <i>bullying</i> de forma constante não somente nas escolas, mas de forma geral perante à sociedade.
PROFESSOR H	Penso que isso é muito difícil, pois não é como queremos, hoje o mundo está com muita liberdade de expressão, e isso, as vezes, pode levar aos alunos “acharem” que podem tudo. Mas em 1º ponto, falar do assunto se pondo no lugar do outro.
PROFESSOR I	Idem a resposta da questão 5. “Não devemos ignorar e

	sim falar sobre isso com os alunos no momento que acontece se possível.”
--	--

Fonte: ZANARDI, Jislaine (2014) - Questionário Aplicado.

Em relação às ações que podem ser tomadas para evitar e combater o *Bullying*, aparece com maior frequência nas respostas a conscientização e sensibilização dos alunos sobre o tema, estando incluídas as consequências do ato.

Uma menor parte considera que isso pode ser feito identificando os casos de *Bullying* e, caso não consiga lidar, procurar ajuda.

Tabela 9: Possíveis causas do *Bullying*

Segundo sua opinião, quais são as causas do <i>Bullying</i>?	
PROFESSOR A	Desestrutura familiar; perversidade e brincadeiras de mal gosto que acabam evoluindo para o lado ruim.
PROFESSOR B	Pessoas que não tem um esclarecimento na família sobre os casos, não pensam no futuro, acham que são os donos do mundo, e ainda não sofreram pelo que fazem.
PROFESSOR C	Falta de amor ao próximo, cada vez mais se observa que muitas não sabem viver em sociedade e respeitar os outros.
PROFESSOR D	Acredito que seria uma forma de expressão do eu, daquela pessoa. A pessoa é mal resolvida com algumas situações e encontra no outro uma fragilidade sua.
PROFESSOR E	A própria cultura capitalista e uma sociedade comunista, globalizada e também a mídia gera modelo de padrões e comportamentos. A sociedade necessita de uma educação para conviver com as diversidades culturais.
PROFESSOR F	Problemas pessoais com o agressor principalmente envolvendo sua família e por não conseguir lidar com seus problemas usa a agressão para sentir mais seguro e forte. Baixa estima da vítima, muitas vezes são alunos muito tímidos e inseguros, o que os torna uma vítima perfeita, pois não reagem.
PROFESSOR G	O <i>Bullying</i> é um problema anterior às relações interpessoais. Um problema ligado a constituição de quem eu sou ou até mesmo de quem eu desejo ser.
PROFESSOR H	A liberdade de expressão da mídia; o comportamento dos pais e família; a conscientização de cada cidadão; a falta de educação e respeito com o próximo.
PROFESSOR I	O <i>Bullying</i> está relacionado à alimentação do ego por parte do praticante, traumas da infância ou até mesmo vontade de se firmar perante um grupo.

Fonte: ZANARDI, Jislaine (2014) - Questionário Aplicado.

As principais causas do *bullying*, segundo Beane (2010), podem estar relacionadas aos fatores biológicos, ao temperamento, ao preconceito, inveja, medo, vingança, dentre outros.

Se tratando das causas do *Bullying*, o padrão de resposta foi heterogêneo. Foram citados desestrutura familiar, brincadeiras que evoluem mal, jovens com problemas na formação do eu e dentre outros.

3.1.1 Análise das respostas ao questionário aplicado aos professores

De acordo com o questionário aplicado aos professores, de modo geral, a maioria afirmaram acontecer casos de *bullying* dentro da sala de aula. Dentre os casos mais frequentes está a discriminação seguida de brincadeiras em forma de violência.

Quando questionado sobre as consequências psicológicas acarretadas às vítimas do *bullying*, a maioria dos professores pontuou a baixa autoestima como principal fator seguido de alterações no desenvolvimento escolar. Fante (2011), acrescenta que, além do *bullying* afetar todos os envolvidos em todos os níveis, a vítima pode continuar a sofrer seus efeitos negativos além do período escolar, perpetuando por uma vida inteira.

Quanto à conduta dos professores frente ao *bullying*, a maioria considera que primeiramente deve ser confrontando os alunos envolvidos, caso não surgir efeitos nesta primeira tentativa deve levar o caso para a coordenação e encontrar uma possível solução.

Quando questionado se as atitudes dos professores podem contribuir para casos de *bullying*, a maioria dos professores acredita que sim. Nessa perspectiva, Silva (2010) acrescenta que:

Todo professor deve proceder de forma que seu comportamento sirva de exemplo para seus alunos. No entanto, por vezes, a escola se depara com circunstâncias em que o professor se constitui de suas obrigações e acaba criando situações que podem ameaçar, constranger ou colocar em risco a integridade física e/ou psicológica de um estudante. (p. 169).

No que diz respeito ter estudado sobre o fenômeno em suas formações acadêmicas podemos observar que a maioria dos professores afirmaram que sim,

porém, quando justificados afirmaram estar sempre em busca de conhecimentos e aprofundamentos do tema em formações continuadas ou em leituras fora para poder trabalhar essa questão. Nesse sentido, Silva (2011, p. 64), ressalta que “nossos jovens deverão estar preparados para se confrontar com realidades muito difíceis em curto e médio prazo”. Dessa forma, o ensino deverá estar voltados para uma formação permanente de modo a garantir constantes atualizações no que tange ao desenvolvimento de suas áreas de atuação.

Os professores apontaram como possíveis causas do *bullying* a desestrutura familiar, brincadeiras de mau gosto e dificuldades de resolver seus problemas internos.

3.2 Respostas dos professores em relação à entrevista

A seguir serão descritos e analisados as entrevistas realizadas com professores

Tabela 10: Estímulo da escola para o desenvolvimento dos docentes acerca do *bullying*.

A escola tem oferecido à possibilidade na formação continuada para que os professores compreendessem e se conscientizassem da existência do fenômeno <i>bullying</i> e suas consequências?	
Professor 1	Sim, sempre tem alguns temas voltados para essa questão.
Professor 2	Sim, sempre nas formações continuadas tem falado sobre este tema. Mas a escola trabalha da forma que pode, porque o governo também não manda para as escolas o que é pra ser trabalhado dentro das formações continuadas. Então a escola faz de tudo para encontrar matérias para poder ser falado nas formações.
Professor 3	Sim, até mesmo a questão religiosa, opção sexual, aspectos geográficos, culturais. Então todos esses temas podem causar <i>bullying</i> e é trabalhado nas formações continuadas.

Fonte: ZANARDI, Jislaine (2014) - Questionário Aplicado.

Diante da literatura, Silva (2011) ressalta que é importante que as escolas criem meios para que compreenda e reconheça a existência do fenômeno *bullying*

dentro da escola para então criar consciência dos nefastos prejuízos que o mesmo pode acarretar.

Dessa forma, podemos observar que os professores foram unânimes em afirmar que na escola são ofertados temas voltados para essa questão, de forma que os professores compreendessem a existência do *bullying* e trabalhasse em sala de aula, "*sempre nas formações continuadas tem falado sobre este tema*", pontuou o professor 2.

Tabela 11: Medidas realizadas pela escola para lidar com o *bullying*.

O que a escola têm feito para trabalhar a questão do <i>bullying</i>?	
Professor 1	Além dos cursos oferecidos pela escola nas formações continuadas, sempre tem um acompanhamento pela coordenação e gestão voltado a esse tema.
Professor 2	Como havia falado durante as formações continuadas sempre tem temas trabalhados voltados para essa área. Eu durante minhas aulas dou oportunidades para os alunos os quais são de alguma forma discriminados pelos demais.
Professor 3	Tenho presenciado em sala de aula constantemente o <i>bullying</i> . Tudo é motivo para os alunos praticarem o <i>bullying</i> sim e é aí que a escola entra e trabalha nas formações continuadas. Recentemente em uma turma uma aluna era chacoteada por ela ser de outra região e apresentar sotaque em sua fala. A garota lia super bem, mas pelos outros alunos ficarem fazendo piadinhas e rindo da menina ela nem queria mais ler. Expliquei para os alunos que ela era de outro estado e trabalhei a questão linguística durante minhas aulas.

Fonte: ZANARDI, Jislaine (2014) - Questionário Aplicado.

Quando questionado sobre a forma de trabalhar o *bullying* na escola os professores voltaram a enfatizar que são discutidos temas durante a formação continuada e a maioria afirmaram trabalhar o tema na sala de aula, seja trabalhando desmistificando o preconceito ou mesmo dando oportunidades durante a aula ao aluno discriminado.

Tabela 12: Conduta da escola frente ao *bullying*.

O que a escola tem feito com as vítimas, agressores, as testemunhas e a família?	
Professor 1	Aí chegou ao ponto onde eu disse, na questão da comunidade escolar. O que está próximo da escola de chamar o pai e os envolvidos a escola faz. Quando acontece casos em que há registros de B.O. não faz mais parte da escola e sim de assistência social.
Professor 2	Olha, já teve até casos de polícia que foi sério e foi levado para a justiça. Teve até um professor que foi chamado no fórum. Então a escola trabalha juntamente com a justiça. Já teve diversos casos que foram encaminhados para um acompanhamento psicológico. A escola também oferece acompanhamento através da sala de recursos, mas em casos extremos são encaminhados para um profissional da área.
Professor 3	Já teve casos em que a escola tem levado para a justiça. Com as vítimas já foram até encaminhadas para um acompanhamento psicológico no CAPS. Os alunos também já conhecem os caminhos a ser percorridos.

Fonte: ZANARDI, Jislaine (2014) - Questionário Aplicado.

De acordo com a literatura tratada, é necessário que os educadores criem meios para trabalhar com os alunos vítimas e agressores. Sendo assim, Silva (2010), considera importantíssimo o atendimento individualizado, o qual pode ser suficiente e eficaz nesta perspectiva.

Os professores, quando solicitados, discorreram sobre a conduta da escola frente aos indivíduos envolvidos no *bullying*, referiram que existe um plano de ação na escola, mesmo que parcialmente diferentes. O professor 2, disse "*A escola (...) oferece acompanhamento através da sala de recursos, mas em casos extremos são encaminhados para um profissional da área*"; outro professor (1), já relata que a escola chama os pais e os envolvidos e que caso ocorra registro de B.O. é a assistente social que passa a cuidar da situação; já o professor 3, frisa que "os alunos (...) já conhecem os caminhos a serem percorridos".

Tabela 13: Atividades que são desenvolvidas no meio escolar em relação ao *bullying*.

Que tipos de atividade tem sido feito para compreender e combater o <i>bullying</i> dentro de sala de aula?	
Professor 1	Isso vai de cada professor. Eu sempre trabalho com metodologia, como minha área é da Educação Física, usamos o esporte para fundamentar a socialização e cooperação em grupo. Temos uma visão que jamais podemos falar que somos superiores a alguém. Trabalhamos também com limites de regras. Quando a pessoa agride uma regra ela cometeu uma falta. Então eu pego esse exemplo na sociedade seguindo as regras da moralidade. Quando uma pessoa faz uma coisa imoral ela cometeu uma falta e aí vem as punições. Isso é o que eu falo em relação ao meu trabalho, na minha disciplina.
Professor 2	Vai depender de cada turma. Um exemplo do que venho trabalhando é a questão do continente africano. Eu trabalho dando a melhor importância no continente. Então isso também ajuda, porque o continente africano de uma maneira geral ele sofre <i>bullying</i> , pois tudo que eles pensam de ruim é de lá. São mais pobres, morrem de fome, então o trabalho que eu fiz foi a nova África o qual mostra as riquezas que o continente têm e que os problemas que eles têm são igual os daqui. Então tudo isso é uma forma de estar combatendo o <i>bullying</i> e a discriminação racial também.
Professor 3	São várias as atividades trabalhadas em sala de aula desde as variações linguísticas, questões voltados para o racismo o qual é uma coisa muito parecida e está muito próximo. Trabalho também com charges.

Fonte: ZANARDI, Jislaine (2014) - Questionário Aplicado.

Os métodos utilizados pelos professores para coibir o *bullying* são variados. O professor 1, prefere usar "o esporte para fundamentar a socialização e cooperação em grupo" além de trabalhar com limites e que para cada falta cometida tem a punição. Já os professores 2 e 3, buscam trabalhar a conscientização dos alunos através de temas variados.

O professor 2, deu como exemplo o trabalho relacionado a nova África, pelo qual "*mostra as riquezas que o continente tem e que os problemas que eles têm são iguais aos daqui*". O professor 3 realiza desde atividades voltadas a questão racial até as relacionadas com variações linguísticas.

Podemos perceber nas respostas dos professores que os métodos utilizados em sala de aula para trabalhar a questão do *bullying* depende muito da situação que a turma se encontra.

Tabela 14: Iniciativa própria dos docentes em pesquisar sobre o *bullying*.

Tem pesquisado sobre o fenômeno <i>bullying</i>? Que fonte de informação tem buscado? Quais foram os aspectos abordados nessa fonte de informação?	
Professor 1	<p>Eu sempre pesquiso sobre isso. Eu falo que a questão sobre <i>bullying</i> se refere às desigualdades sociais e uma questão de mídia. Infelizmente nós usamos símbolos e se a mídia hoje coloca exemplo do somatotipo do corpo humano, a pessoa que é fora das normas e valores que a mídia joga na sociedade ele mesmo se sente sofrendo <i>bullying</i> pelo fato de não estar com o corpo bonito. Estou citando apenas um exemplo.</p> <p>A desigualdade social é o primeiro fator que gera <i>bullying</i>.</p> <p>As diversidades culturais também. Tenho pesquisado muito sobre os indígenas e os negros os quais sofrem <i>bullying</i> a todo tempo.</p>
Professor 2	<p>Sim, palestras na televisão, nos canais TV câmara, NDR, TV cultura, em revistas, sempre fala do <i>bullying</i>. Então a gente vai se fortalecendo cada vez mais. É um assunto interessante e importante. É falado em vários lugares e a gente vai aprendendo cada vez mais</p>
Professor 3	<p>Constantemente. Como é um tema que tenho presenciado sempre durante as minhas aulas e na escola de modo geral, sempre tenho pesquisado em revistas, jornais, internet, dentre outros.</p>

Fonte: ZANARDI, Jislaine (2014) - Questionário Aplicado.

É necessário que os profissionais adquiram o máximo possível de conhecimento sobre o *bullying*. De acordo com silva (2010, p. 156), "Somente dessa

forma, ao se depararem com o problema, poderão contribuir para a busca de soluções eficazes para cada caso específico”.

Em relação à iniciativa própria de buscar conhecimento sobre o tema *bullying*, todos os professores referiram que o fazem. Os meios utilizados são diversos, sendo o mais citado as revistas. A internet e palestras também são usadas como fonte de conhecimento.

Tabela 15: Necessidade ou não da presença do psicólogo para auxílio na resolução do *bullying*.

Qual a necessidade que sente de um profissional da psicologia (psicólogo) para o combate e enfrentamento do <i>bullying</i> dentro da escola?	
Professor 1	Eu vejo que a necessidade não está só dentro da escola, mas na sociedade. O profissional da psicologia, além de outras funções, tem como principal resgate o que é o ser humano hoje, como o ser humano hoje esta sendo valorizado. O ser humano tem a forma de instinto do naturalismo e valores. Então eu acho que é essencial do psicólogo o resgate do ser humano sobre a questão de valores e respeito. Sabemos que quando que, quando a pessoa tem uma dificuldade ela não está bem consigo mesma. A partir daí, entra as ações da psicologia nas práticas de humanismo.
Professor 2	A presença do psicólogo dentro do ambiente escolar é fundamental. Outro fator importante é o atendimento psicológico para os professores na escola porque nós não somos uma máquina que ao chegar no portão desliga e entra na escola sem problema nenhum.. Tem muita gente que fala que os problemas nós temos que deixar em casa, mas não é assim
Professor 3	É a peça chave, não só para os alunos, mas para os professores também. Porque nós enquanto seres humanos precisamos de um profissionais até mesmo porque temos nossas crenças, ponto fracos.

Fonte: ZANARDI, Jislaine (2014) - Questionário Aplicado.

Del Prette (1996) *apud* Freire e Aires (2012), considera o papel do psicólogo escolar de suma importância, pois envolve capacidade de analisar e aprender elementos que caracterizam a instituição escolar e os agentes envolvidos, além de identificar as necessidades e possibilidades de aperfeiçoamento dessas relações.

Os professores foram unânimes em afirmar que é necessário. Os educadores 2 e 3 consideram fundamental esta presença: "é a peça chave, não só para os

alunos, mas para os professores também" (professor 3). Já o professor 1 refere ser importante *"não (...) só dentro da escola, mas na sociedade"*.

Os professores 2 e 3 enfatizam a necessidade de, além de tratar os alunos, tratar também os professores, pois, segundo eles, o professor é humano, também tem problemas e precisa ser ajudado em seus enfrentamentos. O outro professor pontua que o psicólogo tem como principal função o resgate do que é *"ser humano"*.

3.2.1 Análise das respostas dos professores às questões a eles formuladas na entrevista

Tendo em vista a entrevista realizada com três professores, todos estes afirmaram que durante a formação continuada é trabalhado temas relacionados ao *bullying*, de forma que, os professores pudessem conscientizar da existência do fenômeno para então trabalhar em sala de aula. Nesta perspectiva, Silva (2010) acrescenta que, "[...] as escolas precisam, inicialmente, reconhecer da existência do *bullying* e tomar consciência dos prejuízos que ele pode trazer para o desenvolvimento socioeducacional e para a estruturação da personalidade de seus estudantes". (p. 162).

No que se refere ao posicionamento da escola frente às vítimas, agressores e testemunhas, os professores relatam que a escola oferece atendimentos individuais para os alunos através da sala de recursos, em casos extremos são encaminhados para o Centro de Atenção Psicossocial – CAPS, onde são acompanhados por atendimentos psicológicos. Os professores relatam também que, houve casos em que foi necessário a intervenção da justiça perante a situação, como afirma o relato do professor 2, *"Olha, já teve até casos de polícia que foi sério e foi levado para a justiça. Teve até um professor que foi chamado no fórum. Então a escola trabalha juntamente com a justiça"*. Silva (2010, p. 162), considera *"imprescindível o estabelecimento de parcerias com instituições públicas ligadas à educação e ao direito"*.

Segundo os professores, as atividades realizadas em sala de aula, no que se refere ao fenômeno *bullying*, são bem diversificadas, o que irá depender do contexto de cada turma.

Ambos os professores relatam estar sempre pesquisando sobre o fenômeno *bullying*, seja em jornais, revistas, *internet*, palestras, de modo que possa aperfeiçoar seus conhecimentos para então trabalhar com os alunos.

No que tange a presença do profissional psicólogo inserido na escola todos os professores pontuaram que é de fundamental importância, visto que, não só os alunos necessitam de seu auxílio, mas os professores em geral carecem de seu trabalho. Dessa forma, o Manual de Psicologia Escolar (2007), ressalta que:

O psicólogo escolar desenvolve atividades direcionadas com alunos, professores e funcionários e atua em parceria com a coordenação da escola, familiares e profissionais que acompanham os alunos fora do ambiente escolar. A partir de uma visão sistêmica, age em duas frentes: a preventiva e a que requer ajustes ou mudanças. Dessa forma, contribui para o desenvolvimento cognitivo, humano e social de toda a comunidade escolar (p. 17).

Portanto, é imprescindível que o psicólogo esteja inserido no ambiente escolar, de modo que conheça a realidade em que se encontra a escola para poder desenvolver estratégia de forma específica e mais voltada à realidade do ambiente.

3.3 Respostas dos alunos às questões relacionadas ao questionário

A seguir serão descritos e analisados os questionários aplicados aos alunos na Escola Estadual situada no município de Juína MT. Os alunos participantes da pesquisa, como já mencionado, foram indicados pelos professores como possíveis vítimas do *bullying*, possíveis agressores e testemunha. Sendo assim, o aluno 1 foi indicado pelo professor por sofrer de agressões físicas, verbais e psicológicas, por apresentar um alto nível de inteligência.

Os alunos 2, 4 e 9 foram indicados por sofrerem de agressões verbais e psicológicas pelo fato de estarem acima do peso e apresentarem sérios problemas em seu dia-a-dia. No que se refere ao aluno 3, este foi indicado por ser vítima e também já ter praticado o *bullying* dentro da escola.

Já o aluno 7 foi indicado pelo professor por presenciar constantemente esta violência, no qual dois de seus amigos estão envolvidos. Para finalizar, o aluno 10 foi indicado por possuir déficit de atenção e aprendizado, motivo o qual sofre

constantemente agressões verbais e psicológicas dos demais membros da sala de aula.

Tabela 16: Identificação dos alunos

Identificação pessoal			
ALUNO 1	Série: 3 ^o	Sexo: F	Idade: 17
ALUNO 2	Série: 3 ^o	Sexo: F	Idade: 17
ALUNO 3	Série: 2 ^o	Sexo: M	Idade: 16
ALUNO 4	Série: 2 ^o	Sexo: M	Idade: 16
ALUNO 5	Série: 1 ^o	Sexo: F	Idade: 15
ALUNO 6	Série: 2 ^o	Sexo: F	Idade: 17
ALUNO 7	Série: 1 ^o	Sexo: M	Idade: 16
ALUNO 8	Série: 1 ^o	Sexo: M	Idade: 16
ALUNO 9	Série:	Sexo: F	Idade: 15
ALUNO 10	Série: 1 ^o	Sexo: F	Idade: 20

Fonte: ZANARDI, Jislaine (2014) - Questionário Aplicado.

Diante dos dados apresentados pôde-se observar que a maioria dos alunos pesquisados foram do sexo feminino.

Em relação à idade, pelo fato da escola oferecer apenas o Ensino Médio, os alunos pesquisados possuem faixa etária entre 15 a 16 anos. Dentro da literatura, essa faixa etária é a população que mais sofre com o *bullying*.

Tabela 17: Compreensão dos alunos sobre o *Bullying*

O que você entende por <i>Bullying</i>? Quais as principais características do <i>Bullying</i>? Explique.	
ALUNO 1	<i>Bullying</i> é a agressão feita por uma pessoa mais forte contra uma mais fraca, as vezes ao contrário também. Característica seria a agressão sendo elas físicas ou psicológicas
ALUNO 2	O <i>Bullying</i> é humilhar ou agredir fisicamente uma pessoa por ela não ser igual aos demais.
ALUNO 3	Entendo como um fato quando ocorre de idades diferentes ou seja, físico diferente, situação financeira e sua classe social. Ocorre <i>Bullying</i> por motivos de ser diferentes ou causa diferente.
ALUNO 4	<i>Bullying</i> é uma coisa que esta em nosso cotidiano, ex: nas escolas, nas ruas, até por incrível que pareça em casa. As características é um garoto ou uma garota ser apelidado por um colega de sala, pelo seu jeito de expressar ou até mesmo pelo seu físico.
ALUNO 5	Entendo que o <i>Bullying</i> é a discriminação de uma pessoa. Ex: por ela ser gorda, ou por sua cor de pele, etc.
ALUNO 6	Bem, o <i>Bullying</i> é tipo uma revolta, quase todo mundo sofre isso e eu tenho certeza que a maioria não gosta, tipo, apelido, xingamentos, tratar as pessoas de modo diferente.
ALUNO 7	Eu entendo que o <i>Bullying</i> é uma coisa muito [...] porque quem faz o <i>bullying</i> não pensa no que esta fazendo, causando revolta, tristeza, perturbações.
ALUNO 8	O <i>bullying</i> é um tipo de sarro. Suas características são: sarro, o modo de você ser.
ALUNO 9	<i>Bullying</i> é um ato de desrespeito e falta de amor no coração. As características do <i>Bullying</i> é a falta de respeito, educação e amor.
ALUNO 10	Não sofro <i>Bullying</i> .

Fonte: ZANARDI, Jislaine (2014) - Questionário Aplicado.

No que se refere à compreensão do *Bullying*, a maioria dos jovens tentaram, de uma forma ou de outra explicar sua concepção acerca do tema. A exceção se faz por um entrevistado que optou por frisar que não sofre *Bullying*. Todos que tentaram discorrer sobre o assunto em questão, de forma geral, concordam que se trata de

uma violência, apesar das diferentes concepções dos alunos, evidente ao retratar tal fenômeno.

Tabela 18: Alunos vítimas do *Bullying*

Você já sofreu ou sofre <i>Bullying</i>?	
<p>() sim. () Não.</p> <p>Se sim, como reagiu ou reage e o que sentiu ou sente? Como foi a reação das outras pessoa?</p> <p>Se não, o que você faria se fosse vítima do <i>Bullying</i>? Explique.</p>	
ALUNO 1	Sim. Quando o <i>Bullying</i> era mais frequente eu chorava, ficava com receio de ir para a escola, e quando as pessoas se aproximava de mim eu me encolhia com medo de me bater, era meio que automático. Hoje em dia eu choro por tudo e trato de depressão.
ALUNO 2	Sim. Humilhação, piadas, etc. não me defendi de nenhuma forma guardei para mim. Uns tentavam proteger outros não.
ALUNO 3	Não. Sei bem, tentaria esconder o máximo possível da sociedade para não ocorrer de uma falta de caráter pessoal.
ALUNO 4	Não. Eu não ia ligar se fosse meus amigos de verdade, mas se fosse outros integrantes se não meus amigos eu ficaria triste e inferior as outras pessoas.
ALUNO 5	Sim. Eu fingi que não era comigo, as outras pessoas ficavam só debochando da minha cara.
ALUNO 6	Sim. Bom, eu reagi normal porque não ligo muito para essas coisas eu já sou mais na minha. Mas não tem como fala que reagi normal bom fiquei triste e meio pensativa, mas não sou de fazer nada com ninguém.
ALUNO 7	Não. Eu pararia pra ver o que estava acontecendo e deixava o povo falar porque o <i>bullying</i> só vai se avançando porque você deixa levar pelo fato.
ALUNO 8	Sim. Minha reação foi violenta como agressão física. A reação das pessoas foi que ficaram assustados pois não sabiam o que eu faria.
ALUNO 9	Sim. Eu falei para a minha irmã que eu havia sido agredida na escola e ela foi até lá e conversou com os diretores.
ALUNO 10	Não. Procuraria ajuda.

Fonte: ZANARDI, Jislaine (2014) - Questionário Aplicado.

Quanto ao reconhecimento de que já sofreu *Bullying*, alguns alunos afirmaram.

Dos que afirmaram já terem sido vítimas de *Bullying*, as respostas mostram um padrão variado. Uma aluna refere não ter reagido frente à violência, ficando com medo e atualmente está em tratamento de transtorno depressivo, outros já preferem não ligar com a intimidação e outra conversou com a irmã e a mesma foi conversar com a diretora da escola.

Tabela 19: Casos de *Bullying*

Você conhece alguém que já sofreu <i>Bullying</i>? Explique.	
ALUNO 1	Sim. Além de mim conheci outras pessoas.
ALUNO 2	Sim. Existem várias pessoas que são vítimas de <i>bullying</i> , conheço inúmeras pessoas que já passaram por isso.
ALUNO 3	Não respondeu.
ALUNO 4	Sim. Várias pessoas, meus próprios amigos e alguns desconhecidos, foi uma sensação ruim por envolver meus amigos.
ALUNO 5	Sim. Uma amiga por ela ter o cabelo ruim e as outras pessoas ficava chamando ela de Bombril etc.
ALUNO 6	Sim. Muitas pessoas que conheço sofreram <i>Bullying</i> e ainda sofre. Isso não deveria existir.
ALUNO 7	Sim. A pessoa era gorda e todo mundo falava dela do jeito e isso deixava ela triste e com medo.
ALUNO 8	Não. Pois a única vítima na época fui eu.
ALUNO 9	Sim, a minha irmã também sofreu em casa e nas ruas o <i>Bullying</i> . Meu pai não aceitava o motivo dela ser um pouco mais gordinha e todos os dias ele ficava fazendo piadinhas com a cara dela.
ALUNO 10	Não conheço.

Fonte: ZANARDI, Jislaine (2014) - Questionário Aplicado.

Se tratando de conhecer alguém que já sofreu *Bullying*, a maioria dos estudantes destacaram afirmativamente. Uma pequena parte, respondeu não conhecer e uma pessoa preferiu não responder. Dos entrevistados que explicaram a forma como ocorreu a violência, pode-se perceber que foi relacionado a determinados atributos físicos das vítimas.

Tabela 20: Posicionamento acerca do *Bullying*

O que você faria se um colega seu estivesse sendo vítima do <i>Bullying</i>?	
ALUNO 1	Eu a protegeria pois agora eu consigo me defender.
ALUNO 2	Eu tentaria impedir.
ALUNO 3	Tentaria conversar com ele e ajuda-la falando um pouco como a vida tem seus lados bons.
ALUNO 4	Eu chegaria nele, e tentava tirar ele daquele local onde ele estava sendo desacatado.
ALUNO 5	Falava para ele ir procurar seus direitos porque isso dá processo.
ALUNO 6	Bom sou uma pessoa que gosta de defender meus amigos, qualquer pessoa que seja, faria o seguinte, defendia ele a chegar na pessoa e conversava para que isso não aconteça mais.
ALUNO 7	Eu ajudava ele sair disso porque quem faz <i>bullying</i> não vê o que está fazendo.
ALUNO 8	Bom eu não faria.
ALUNO 9	Eu iria até o local e conversaria com a pessoa que estivesse com o meu colega e diria que isso é um ato de desrespeito, mas se a pessoa não ouvisse eu chamaria alguém responsável.
ALUNO 10	Eu ajudaria eles conversando.

Fonte: ZANARDI, Jislaine (2014) - Questionário Aplicado.

A maioria dos alunos teria alguma reação na tentativa de proteger o colega agredido. Alguns disseram que iriam acolher e orienta-lo a sair da situação, outros tentariam convencer o agressor a parar com o ato, um tentaria o diálogo com as duas partes e um aluno faria não nada.

Tabela 21: Testemunhar o *bullying*.

Você já presenciou algum caso de <i>Bullying</i>? O que você fez?	
ALUNO 1	Sim. Eu falei com a pessoa que estava praticando se ela gostaria se fizessem com ela.
ALUNO 2	Sim. Alguns casos pedi pra parar, mas em outros também pratiquei <i>bullying</i> pelo fato de não fazer nada e só assistir.
ALUNO 3	Já. De um amigo. Um monte de pessoas espalharam que ele era gay. Ele até dizia em se suicidar. Conversei com ele para não deixar se atingir com os outros, etc.
ALUNO 4	Já presenciei, mas não fiz nada porque não era conhecido e também não queria me envolver em confusão.
ALUNO 5	Sim, eu não fiz nada, fiquei olhando a pessoa sofrer <i>bullying</i> , o que eu fiz foi errado.
ALUNO 6	Não.
ALUNO 7	Sim. Fiquei do lado da vítima apoiando e ajudando a não ficar pensando no que estavam falando dela.
ALUNO 8	Não.
ALUNO 9	Não, mas se precisasse eu chamava alguém responsável para resolver o caso.
ALUNO 10	Não.

Fonte: ZANARDI, Jislaine (2014) - Questionário Aplicado.

Novamente a maioria dos alunos afirmaram ter presenciado algum caso de *Bullying*. Um relata que já foi autor da violência, porém o mesmo em outras situações diz ter ajudado a parar com o ato. A maioria ao se defrontar com a violência tomou alguma atitude, seja de apoiar a vítima ou mesmo de confrontar o agressor. Das que viram e não fizeram nada, uma se arrepende disso.

Tabela 22: Opinião sobre erradicar o *bullying*.

Você acha que podemos acabar com o <i>Bullying</i>? Como?	
ALUNO 1	Não, mas poderia diminuir com campanhas em escolas para conscientizar.
ALUNO 2	Não tem como acabar com o <i>bullying</i> , pois, é característica do ser humano querer ser mais que o outro de alguma forma, uma delas é humilhar os outros.
ALUNO 3	Não, porque para mim é algo que ocorre entre sociedade diferentes. É algo que nós já nascemos. Talvez a educação dos pais possam ajudar nesses traços de ter pré-conceitos.
ALUNO 4	Não, porque o <i>Bullying</i> é igual à morte não tem como dar fim.
ALUNO 5	Eu acho que não porque em todo lugar tem <i>bullying</i> , seria meio difícil.
ALUNO 6	Sim, mas nesse caso não sei como mas na minha opinião conversar com pessoas que façam isso e também quem sofre para resolver esse caso.
ALUNO 7	Sim. Fazendo as pessoas saber mais o que é <i>bullying</i> e dar vários exemplos para pessoas refletirem e ver o que esta fazendo.
ALUNO 8	Sim, mostrando para as pessoas que não somos o que falamos.
ALUNO 9	Sim, tentando dar mais educação a nossos filhos e amor.
ALUNO 10	Sim, porque o <i>Bullying</i> não pode acontecer.

Fonte: ZANARDI, Jislaine (2014) - Questionário Aplicado.

Na tabela acima, metade considera ser possível acabar com o *Bullying*, enquanto a outra parte pensa que não.

Entre os que disseram não, um considera que uma melhor conscientização diminuiria os casos; a maioria pensa não ser possível diminuir os casos de violência.

Quanto aos que disseram sim, a maioria considera que com conscientização, se conseguirá amenizar o *Bullying*.

Tabela 23: Ponto de vista dos alunos referente as consequências

Quais são as consequências que o <i>Bullying</i> provocou em você?	
ALUNO 1	Baixa autoestima, retraimento, depressão.
ALUNO 2	Baixa autoestima, retraimento, sentimentos negativos.
ALUNO 3	Aluno relata não sofrer <i>Bullying</i>
ALUNO 4	Aluno relata não sofrer <i>Bullying</i>
ALUNO 5	Baixa autoestima, sentimentos negativos, estresse.
ALUNO 6	Baixa autoestima, sentimentos negativos, estresse.
ALUNO 7	Aluno relata não sofrer <i>Bullying</i>
ALUNO 8	Angústia.
ALUNO 9	Baixa autoestima, sentimentos negativos, angústia.
ALUNO 10	Retraimento, sentimentos negativo.

Fonte: ZANARDI, Jislaine (2014) - Questionário Aplicado.

A maioria dos alunos respondeu como consequências do *Bullying* a baixa autoestima e sentimentos negativos. Além disso, relataram, também, retraimento, angústia, estresse e depressão.

Tabela 24: Entendimento dos alunos sobre evitar o *bullying*.

Em geral podemos evitar o <i>Bullying</i>?	
ALUNO 1	Não.
ALUNO 2	A maneira que eu acho que funcionaria seria com campanhas de conscientização para que não seja praticado.
ALUNO 3	Creio que se afasta de certas influências.
ALUNO 4	Na minha opinião não tem como acabar com o <i>bullying</i> mas evitar é uma solução mais próxima para essa solução.
ALUNO 5	Podemos. Não ficar julgando as pessoas pela sua aparência, e quando ver uma pessoa cometendo <i>bullying</i> dizer a ela para não cometer isso, porque a pessoa que sofre o <i>bullying</i> pode até cometer um suicídio.
ALUNO 6	Evitar o <i>bullying</i> , bom não tenho a mínima ideia, mas ajudava essas pessoas que sofre <i>bullying</i> seria um bom começo.
ALUNO 7	Não.
ALUNO 8	Aluno não respondeu.
ALUNO 9	Com mais amor e educação ao próximo.
ALUNO 10	Conversando com as pessoas. É um crime.

Fonte: ZANARDI, Jislaine (2014) - Questionário Aplicado.

Podemos perceber que a maioria concorda que é possível evitar o *Bullying*, seja através de um maior diálogo ou mesmo através de campanhas de conscientização. Dois responderam não e um optou por não responder.

Tabela 25: Percepção dos alunos sobre o preparo da escola no enfrentamento do *bullying*.

Você acredita que hoje em dia as escolas estão preparadas para encarar o <i>Bullying</i>? Explique.	
ALUNO 1	Não, porque várias vezes os professores acham que é brincadeira e deixa se passar.
ALUNO 2	Nem tanto, muitas escolas oferecem auxílio psicológico aos alunos que sofrem outras não. Outras não conseguem nem ter um ensino de qualidade.
ALUNO 3	Algumas sim, na maioria não porque não tem um conhecimento sobre a vida de cada um que seja. E os professores muitas vezes não ligam para o que os alunos falam.
ALUNO 4	Não, nem a particular nem a pública porque o <i>bullying</i> é uma coisa que a vítima demora tempo para recuperar.
ALUNO 5	Não, porque a maioria só fala para não ligar para que os outros falam.
ALUNO 6	Bom, ultimamente os alunos que sofrem <i>bullying</i> são mais na dele não falam pra ninguém que sofrer, para mim ainda não.
ALUNO 7	Sim. Porque todos conhece o <i>bullying</i> .
ALUNO 8	Aluno não respondeu.
ALUNO 9	Eu acho que sim, pois eles corrigem as pessoas que cometem o <i>Bullying</i> .
ALUNO 10	Sim.

Fonte: ZANARDI, Jislaine (2014) - Questionário Aplicado.

Percebe-se, analisando a tabela, que a maior parte dos alunos não considera as escolas aptas a lidar com o *Bullying*. Alguns consideram que as mesmas estão preparadas e outros não. Consideram que algumas escolas consideram este tipo de violência como brincadeira e em outros casos as vítimas não procuram ajuda e procuram não mostrar que estão sofrendo intimidações

Tabela 26: Motivo de se praticar o *bullying*.

Segundo sua opinião, porque uma pessoa comete <i>Bullying</i>? Explique.	
ALUNO 1	Pois tem inveja ou sofre algo que quer descontar.
ALUNO 2	Muitas das vezes a pessoa que pratica o <i>bullying</i> sofre alguma violência também, talvez encontra na outra pessoa vulnerável uma forma de liberar tudo o que sente, uma forma de descontar.
ALUNO 3	Inveja de uma pessoa ter algo e ele não, alguma coisa do tipo.
ALUNO 4	Porque o <i>Bullying</i> que vive dentro do ser humano é um ressentimento que nunca acaba. Esmo aquelas pessoas que falam que não cometem <i>bullying</i> na minha opinião é mentira, porque é igual ao pecado é um elemento que não se acaba e nem o elimina.
ALUNO 5	Talvez por inveja ou zuação achando que isso não tem nada.
ALUNO 6	Porque essa pessoa não sabe o que é julgar uma pessoa e principalmente cometer <i>bullying</i> . Tipo pessoas que comete isso não tem sentimento é mal. Só pensa em si mesmo em mais ninguém.
ALUNO 7	
ALUNO 8	Porque ele sofreu o <i>bullying</i> e o dia que ele for uma vítima ele saberá o que as pessoas passaram.
ALUNO 9	A pessoa só comete o <i>Bullying</i> por causa das amizades que a pessoa tem, porque acaba sendo incentivada.
ALUNO 10	Porque eles não pensam.

Fonte: ZANARDI, Jislaine (2014) - Questionário Aplicado.

Como motivos que levam a pessoa a cometer o *Bullying*, a maior parte dos alunos destacou a inveja e a vingança, esta última ocorrendo pelo fato da pessoa já ter sofrido algum tipo de violência e querer despejar a raiva em alguém que se encontra em situação de vulnerabilidade. Os demais alunos consideram que muitos cometem tal ato por desconhecer das consequências que tal violência pode acarretar na vítima.

3.3.1 Análise das respostas dos alunos às questões a eles formuladas no questionário

Como podemos analisar na tabela 17, a maioria dos alunos pesquisados foi do sexo feminino e apresenta idades entre 15 a 17 anos. A exceção se dá em uma aluna por apresentar 20 anos. As alunas cursam entre 1º e 3º ano. Em relação aos alunos do sexo masculinos todos apresentam idades de 16 anos e estão cursando entre 1º e 2º ano.

No que diz respeito à compreensão do fenômeno *bullying*, todos os alunos de uma forma ou outra tentaram colocar suas percepções acerca do tema, mas de modo geral, consideram que se trata de uma violência. Podemos observar que apesar das diferentes concepções, nenhum aluno retrata a frequência e intensidade de tal fato, pois como afirma Fante (2011, p. 28), por definição universal, “*bullying* é um conjunto de atitudes agressivas, intencionais e repetitivas que ocorrem sem motivação evidente, adotado por um ou mais alunos contra outro(s), causando dor, angústia e sofrimento”. Beane (2010, p. 19) acrescenta que, “comportamentos como brincadeiras e piadas, que não têm a intenção de magoar e não são persistentes, não é considerado *bullying*”. Portanto, para ser considerado *bullying* é necessário causar algum dano a vítima, pois o que pode ser considerado *bullying* para uma pessoa, para a outra pode não passar de uma brincadeira.

Quando questionado sobre sofrer *bullying*, alguns alunos como vítima (aluno 3, 4, 10), alegaram não sofrer tal violência. Assim, um fator importante a considerar é que, quando questionado sobre a compreensão de tal fenômeno, os alunos que negaram, retrataram a sua compreensão a cerca do tema *bullying* da mesma forma que foram indicados pelos professores como vítima. Tomamos como exemplo o relato do aluno 4, o qual foi indicado pelo professor pelo fato de ser acima do peso e com isso sofrer constantemente de agressões verbais e psicológicas. Em seu relato ele afirma que, “*Bullying é uma coisa que está em nosso cotidiano, exemplo: nas escolas, nas ruas, até por incrível que pareça em casa. As características é um garoto ou uma garota ser apelidado por um colega de sala, pelo seu jeito de expressar ou até mesmo pelo seu físico*”. Desse modo, podemos considerar que os alunos em que negaram sofrer de tal fenômeno podem estar utilizando um

mecanismo de defesa denominado negação, no qual segundo Fadiman (2004), se refere na relutância em aceitar um evento que perturba o ego.

No que se refere conhecer outras pessoas vítimas do *bullying*, podemos observar que a maioria dos alunos respondeu que sim. Um fato importante a ressaltar é que uma das alunas relata ter presenciado sua irmã sofrer o *bullying* nas ruas e dentro de casa pelo seu pai. Em seu relato ela afirma, “*Sim, a minha irmã também sofreu em casa e nas ruas o Bullying. Meu pai não aceitava o motivo dela ser um pouco mais gordinha*”. Sendo assim, Fante (2011), afirma que o *bullying* pode estar inserido “nas escolas, nas famílias, nos condomínios residenciais, nos clubes, nos locais de trabalho, nos asilos de idosos, nas Forças Armadas, nas prisões, [...]”. (p. 30). Portanto, o fenômeno *bullying* pode estar em todos os segmentos da sociedade, ou seja, onde haver relações interpessoais.

Ao ser indagados sobre qual o posicionamento tomar caso presenciasse um amigo sendo alvo de agressões, todos os alunos relataram que tentaria ajudar de uma forma ou de outra. A exceção se dá em um aluno responder que não ajudaria na situação, nas palavras dele relata, “*bom eu não faria*”. É importante ressaltar que, quando se trata de ajudar o outro, a situação se torna bem mais simples, porém, quando o problema está consigo a pessoa não tem autonomia para resolver tal situação.

Quando perguntado aos alunos sobre terem presenciado casos de *bullying*, podemos observar que alguns dos pesquisados entraram em contradição, pois quando questionado sobre conhecer outras pessoas uma das alunas afirmou que sua irmã sofria constantemente de piadinhas em casa pelo seu pai por ser acima do peso, “*Sim, a minha irmã também sofreu em casa e nas ruas o Bullying. Meu pai não aceitava o motivo dela ser um pouco mais gordinha e todos os dias ele ficava fazendo piadinhas com a cara dela*”. Entretanto, quando questionado sobre presenciar casos de *bullying*, a aluna nega, nas palavras dela: “*Não, mas se precisasse eu chamava alguém responsável para resolver o caso*”.

No que diz respeito à tabela 23, cuja pergunta era acreditar de alguma maneira a possibilidade em acabar com o *bullying*, metade dos alunos afirmou que não, pelo fato do *bullying* estar presente em todos os segmentos da sociedade. Nesta perspectiva, Fante (2011, p. 207), considera que “[...] eliminar a violência

social e estabelecer a paz global são tarefas até então consideradas impossíveis". Portanto, um dos alunos acredita que podemos evitar, mas não acabar, em suas palavras, "*Não, mas poderia diminuir com campanhas em escolas para conscientizar*". Sendo assim, Fante (2011), acredita ser possível e viável o combate, desde que o mesmo aconteça de forma consciente, planejada e com responsabilidade. Já os alunos que relataram que é possível acabar com o *bullying*, consideram o diálogo a principal ferramenta para erradicar o *bullying*.

Ao relatarem sobre as consequências causadas em decorrência do *bullying*, a maioria pontua a baixa autoestima como principal fator, além de relatarem retraimento, sentimentos negativos, angústia, estresse e depressão. Nesta perspectiva, Fante (2011), afirma que indivíduos vítimas o *bullying* podem apresentar "[...] sentimentos negativos e pensamentos de vingança, baixa autoestima, dificuldades de aprendizagem, queda do rendimento escolar". (p. 79). A autora acrescenta ainda que as vítimas podem também desenvolver comportamentos agressivos ou violentos.

É importante ressaltar a contradição nos relatos da aluna 10, visto que, quando questionado sobre sofrer *bullying* a mesma relata que não, porém, quando questionado sobre as consequências causadas em decorrência do fenômeno ela afirma ter apresentado retraimento e sentimentos negativos. Como mencionado anteriormente, com esta aluna pode estar ocorrendo o mecanismo de defesa criado por Freud denominado de negação, no qual o indivíduo apresenta uma reversão em aceitar um evento que perturba o ego.

Podemos observar que nos relatos dos alunos no que diz respeito das escolas estarem preparadas para encarar o *bullying*, a maioria dos alunos afirmou que não. Alguns dos motivos surgem em decorrência dos professores não saberem lidar com tal fenômeno afirmando apenas para não ligar. Outro motivo está relacionado ao fato de que muitas escolas não oferecem auxílio psicológico aos alunos, como relata a aluna 2, "*Nem tanto, muitas escolas oferecem auxílio psicológico aos alunos que sofrem, outras não. Outras não conseguem nem ter um ensino de qualidade*". Sendo assim, Silva (2010), afirma que, "O mercado de trabalho encontra-se em constante transformação e as atividades reservadas à juventude necessitam, cada vez mais, de uma orientação escolar adequada". (p. 63 – 64).

No que se refere ao motivo dos indivíduos em cometer o *bullying*, podemos observar que a inveja é a principal causa descrita pelos alunos. Beane (2010, p. 47), acrescenta que “Em resposta a esse *bullying* invejoso, as crianças desenvolvem um medo do sucesso, por terem consciência de que ele pode ameaçar sua aceitação e trazer consequências negativas”.

Outra causa trazida pelos alunos diz respeito à vingança, como mostra o relato da aluna 2: “Muitas vezes a pessoa que pratica o *bullying* sofre alguma violência também, talvez encontra na outra pessoa vulnerável uma forma de liberar tudo o que sente, uma forma de descontar”. Nesse caso, Beane (2010) ressalta que os indivíduos “Podem procurar ferir outras pessoas como forma de vingança por terem sido eles mesmos maltratados”. (p. 49).

3.4 Respostas dos alunos às questões a eles formuladas na entrevista

A seguir serão descritos e analisados as entrevistas semiestruturada com os mesmos alunos participantes do questionário. A entrevista teve como objetivo aprofundar os dados já levantados através do questionário.

Vale ressaltar que os alunos 1, 2, 4, 5, 6, 8, 9, 10 foram indicados pelos professores como possíveis vítimas. Já o aluno 3 foi indicado por sofrer *bullying* e também já ter praticado tal fenômeno. O aluno 7 foi indicado por testemunhar frequentemente o *bullying*.

Tabela 27: O que é o *bullying*.

O que consiste / compreende o <i>Bullying</i>?	
Aluno 1	O <i>bullying</i> é a prática que as pessoas batem nas outras por motivos banais, tipo por inveja ou porque ela está sofrendo alguma coisa em casa e quer descontar a raiva em outras pessoas que não tem nada a ver. Ou para chamar atenção de pessoas populares para tornarem amigas dela, zoando as pessoas.
Aluno 2	Na minha opinião o <i>bullying</i> seria a pessoa humilhar a outra pessoa por ela não ser igual aos outros, não ter um padrão igual aos demais.
Aluno 3	Bom, pra mim o <i>bullying</i> é um fato que ocorre quando uma pessoa sofre um preconceito por ser algo como gordo ou magro.
Aluno 4	Pra quem sofre o <i>bullying</i> é muito ruim. Tive amigos que sofreram e foram experiências muito ruim porque pararam até de estudar. Tenho amigos que falam coisas pra mim, mas não ligo até mesmo pelo fato de eu conhecer ele, mas se for uma pessoa desconhecida aí já não vou gostar. Tem vários tipos de <i>bullying</i> , mas quem sofre mais são as pessoas menos inteligente, mais gordas pelo fato das pessoas serem excluí-las do meio social. Um exemplo são nos jogos de futebol, porque uma pessoa que é mais gorda os outros vão falar que ela não aguenta correr pelo fato de ser mais pesado. Mas tem também as pessoas que não gostam de jogar futebol e por esse motivo são vistas como mulherzinhas, gay, e outras coisas.
Aluno 5	Que muitas pessoas, tipo trata a pessoa mal às vezes por ela ter cabelo ruim fala que ela tem cabelo <i>pixaim</i> ou até mesmo pela pessoa ser gorda. É isso.
Aluno 6	Pra mim o <i>Bullying</i> é tipo um xingamento, já sofri muito <i>bullying</i> e eu considero como um xingamento.
Aluno 7	É uma coisa que as pessoas fazem sem saber o que está julgando. São preconceitos, cor, estado físico (se a pessoa

	é gorda ou magra). Eu acredito que o <i>bullying</i> acontece fora da escola também, na sociedade.
Aluno 8	Sei lá, é um tipo de desfazer da pessoa, não aceitar as pessoas na comunidade.
Aluno 9	Acho que o <i>Bullying</i> é um ato de desrespeito à pessoa e a falta de educação a ela.
Aluno 10	O <i>Bullying</i> pra mim é uma forma de deboche. Ele machuca os sentimento das pessoas. Viemos pra escola pra estudar e não pra ficarem debochando da cara da gente. Ele acontece somente na escola. Além de machucar a pessoa por dentro, pode entrar em depressão.

Fonte: ZANARDI, Jislaine (2014) - Questionário Aplicado.

Como podemos analisar na tabela acima, os alunos de uma forma ou de outra tentaram conceituar o *bullying* de acordo com o seu conhecimento acerca do tema. Desse modo, fica evidente que os alunos indicados como vítimas conceituam tal fenômeno a partir da concepção da agressão da qual sofreram ou sofrem.

Tabela 28: Descrição do *bullying* sofrido.

Em que consistiu o <i>Bullying</i> que você sofreu?	
Aluno 1	<p>Quando eu era mais pequena era muito inteligente e as meninas tinham inveja de mim e com isso elas me batiam e xingavam também.</p> <p>Você ainda sofre?</p> <p>Não. Depois que mudei de escola não mais.</p> <p>Há quanto tempo atrás?</p> <p>Desde o primeiro ano até o quinto.</p>
Aluno 2	<p>Era por me zoar, fazer gracinhas, brincadeiras por eu ser acima do peso. Eu ficava triste, não gostava. E eu nunca tomava nenhum partido, ficava sempre quieta.</p>
Aluno 3	<p>No questionário que você respondeu você relata não sofrer <i>bullying</i> mas que, caso sofresse esconderia ao máximo da sociedade. Me explique melhor.</p> <p>Eu esconderia pra que as pessoas não continuasse zoando de mim, até mesmo pra não chegar a ter uma depressão.</p> <p>Você considera que escondendo seria o melhor caminho?</p> <p>Acho que sim, porque quanto menos pessoas soubesse menos ou sofreria.</p>
Aluno 4	<p>Aluno relata não sofrer <i>bullying</i></p>
Aluno 5	<p>No questionário você relatou que sofreu <i>bullying</i>, em que consistiu o <i>bullying</i> sofrido?</p> <p>Me chamavam de gorda, implicavam com meu cabelo e outras coisas também.</p> <p>Você sofreu ou ainda sofre?</p> <p>Sofri quando eu estudava até a 8^o série. Por fora eu tentava mostrar que eu não ligava, mas por dentro eu sofria.</p>
Aluno 6	<p>Xingamentos. As pessoas começavam a falar as coisas e eu já me sentia mal, eu não gostava, ficava mais sozinha por isso. Mas exatamente o motivo de eu sofrer eu já não</p>

	gostaria de falar, não gosto de falar sobre isso.
Aluno 7	O aluno considera não sofrer <i>bullying</i>
Aluno 8	Foi sarro pela minha diferença, pela minha visão. Como eu respondi no questionário, pra mim foi difícil. A minha visão é o contrário, em vez de enxergar pra cima eu enxergo de cabeça pra baixo. Então começavam o sarro como seu não fosse do planeta terra, como se fosse um ET. Então foi isso que eu sofri.
Aluno 9	Foi meio por causa de eu ser gordinha e por ciúmes de um rapaz e inveja. A pessoa me agrediu e me deu um tapa em meu rosto e eu não tive reação nenhuma. Essa agressão eu considero como <i>bullying</i> . Toda agressão eu considero como <i>Bullying</i> e nesse caso, eu sofri sem ter feito nada, eu apenas gostava do menino. Eu e minha irmã sofremos <i>bullying</i> em casa também, meu pai não aceitava nós duas ser um pouco acima do peso. Então você considera que ainda sofre? Não. Eu sofri apenas aquela vez na escola, como já falei pra você.

Fonte: ZANARDI, Jislaine (2014) - Questionário Aplicado.

No que se refere ao tipo de *bullying* sofrido, podemos observar que a maioria dos alunos entrevistados pontuou sofrer de agressões verbais e psicológicas seguida de agressões físicas. Já os alunos 3, 4, e 10 indicados pelos professores como vítimas, afirmaram não sofrer nenhum tipo de violência.

Tabela 29: Frequência em que o aluno sofreu o *bullying*.

Com que frequência tem sofrido o <i>Bullying</i>?	
Aluno 1	Foram cinco anos sofrendo, todos os dias. Você ainda sofre? Às vezes, mas são mais xingamentos, antes apanhava até.
Aluno 2	Todos os dias, até hoje sofro às vezes, mas é menos frequente, porque já emagreci bastante.
Aluno 3	Aluno relata não sofrer <i>Bullying</i> .
Aluno 4	Aluno relata não sofrer <i>Bullying</i> .
Aluno 5	Eu sofria todo dia.
Aluno 6	Sofri muito e ainda sofro, pelo jeito de eu ser e outras coisas mais que eu não gostaria de falar.
Aluno 7	Aluno relata não sofrer <i>Bullying</i> .
Aluno 8	Eu sofria a todo momento, dentro da sala de aula e fora da sala de aula. Depois que comecei usar óculos melhorou bastante minha visão e diminuíram os comentários sobre isso.
Aluno 9	Eu sofria bastante, hoje não sofro muito. Eu e minha irmã sofria quase todo dia pelo fato de ser sempre acima do peso.
Aluno 10	Aluno relata não sofrer <i>Bullying</i> .

Fonte: ZANARDI, Jislaine (2014) - Questionário Aplicado.

No que se refere à frequência em que os alunos sofrem ou sofreram o *bullying*, podemos observar que a maioria pontuaram como sendo frequente em suas vidas, além de considerar também que atualmente o *bullying* acontece, mas em níveis menores.

Tabela 30: Reação de terceiros em relação ao *bullying* sofrido.

Qual foi a reação das pessoas / testemunhas que estavam presente quando você sofreu <i>Bullying</i>?	
Aluno 1	Muitas vezes não faziam nada, nem ligavam. Às vezes até riam, porque pra elas eram brincadeiras, mas pra mim não era brincadeira. Você chegou a comentar com elas o fato de não sentir bem em relação aos comentários que faziam a seu respeito? Não. Ficava sempre quieta.
Aluno 2	Quando eu sofro, tem uns que ficam quietos, outros vão ajudar e falam pra parar, já outros tiram sarro também.
Aluno 3	Aluno relata não sofrer <i>Bullying</i> .
Aluno 4	Aluno relata não sofrer <i>Bullying</i> .
Aluno 5	Ficavam debochando, rindo e sempre acontecia no pátio da escola, nunca dentro da sala.
Aluno 6	Nunca tinha ninguém, e eu também não contava pra ninguém.
Aluno 7	Aluno relata não sofrer <i>Bullying</i> .
Aluno 8	Não fizeram nada. Uma vez quando estava sofrendo a minha reação foi ir pra cima de um menino, todos ficaram assustados pela minha atitude. Eu não vi nada, só vi depois de ter batido nele.
Aluno 9	A reação foi da minha irmã. Ela foi até a diretoria da escola e conversou com o diretor e os responsáveis da escola. Além da minha irmã outras meninas testemunharam, mas sempre elas estavam a favor de quem me agrediam.
Aluno 10	Não respondeu.

Fonte: ZANARDI, Jislaine (2014) - Questionário Aplicado.

De acordo com as considerações acima, observa-se que as testemunhas tentaram de uma forma ou de outra impedir para que tal ato acontecesse, mas na maioria das vezes não tomavam posicionamento em sua defesa, preferindo ficar quietos diante de tal fenômeno.

Tabela 31: Posicionamento da escola em relação ao *bullying* recebido.

A direção da escola teve conhecimento do caso? Tomou algum posicionamento? Se sim, como reagiram?	
Aluno 1	Durante muito tempo não. Chegaram a ter conhecimento quando o meu irmão apanhou na escola. Eu e meu irmão sofríamos <i>bullying</i> . Ai quando meu irmão chegou em casa minha mãe perguntou se nós estávamos sofrendo alguma coisa na escola. Aí nós falamos que sim. Com isso minha mãe foi na escola, mas tipo resolveu em torno de três dias, depois disso, começou tudo de novo. Foi aí que decidimos trocar de escola.
Aluno 2	Onde eu mais sofri foi em outra escola. Aqui sofro piadinhas, mas são mais leves. Mas nunca cheguei a comentar porque eu não gostava de falar sobre o meu caso, então eu preferia não falar nada.
Aluno 3	O aluno relata não sofrer <i>bullying</i> .
Aluno 4	O aluno relata não sofrer <i>bullying</i> .
Aluno 5	Não, nunca quis falar. Por qual motivo preferiu não falar? Não sei, porque não.
Aluno 6	A escola nunca soube. Sei que isso me afeta, mas sou muito fechada, não gosto de falar para as pessoas o que estou passando.
Aluno 7	O aluno relata não sofrer <i>bullying</i> .
Aluno 8	Onde eu sofria mais era meu primo o diretor da escola. Ele não tomava nem um posicionamento. Depois mudei de escola, aqui sofro menos <i>bullying</i> . Mas sempre tem alguém que gosta de tirar algum sarro por eu ser diferente e enxergar diferente e isso me incomoda muito.
Aluno 9	Sim, pelo fato da minha irmã dar queixa na diretoria. De início eles não acreditaram muito, falaram que isso nunca tinha acontecido na escola, mas aí eles chamaram os pais da menina que me agrediu para conversar. Se na conversa não resolvesse eles iriam chamar a polícia, aí o problema

	resolveu, mas sempre tinha outras pessoas que ficavam tirando sarro pelo fato de ser gorda.
Aluno 10	Não respondeu.

Fonte: ZANARDI, Jislaine (2014) - Questionário Aplicado.

Como podemos analisar, todos os alunos afirmaram não comentar com ninguém até mesmo com seus pais sobre as agressões sofridas. A exceção se dá com dois alunos em que um afirma ter levado o caso a diretoria, mas que não havia surtido efeito. Outro aluno afirmou que sua irmã teve conhecimento do fato e levou a direção da escola.

Tabela 32: De que forma a escola tem trabalhado a questão do *bullying*.

A escola tem trabalhado a questão do <i>bullying</i>?	
Aluno 1	<p>Não muito.</p> <p>De que forma?</p> <p>Geralmente os professoram relatam sobre os danos que podem acontecer quando as outras pessoas estão zoando outros, mas também muitas vezes eles nem ligam. Os alunos que falam para pararem com certas brincadeiras. Mas explicar realmente o que é e como reagirem não.</p>
Aluno 2	<p>Sim, trabalha com palestras, fazem cartazes sobre o <i>bullying</i>, os professores trabalham bastante essa questão dentro da sala de aula.</p>
Aluno 3	<p>Alguns professores costumam conversar com os alunos pra saber como esta indo a vida, mas de modo geral a escola não trabalha muito esta questão.</p> <p>Explicar quais as consequências os professores explicam em sala de aula, mas a escola não tem um apoio pra isso. Basicamente eu sei mais ou menos o que é <i>bullying</i> pelo fato de pesquisar na internet e ouvir falar.</p>
Aluno 4	<p>A escola tem trabalhado bastante, como sou do M.I. sempre somos orientado para não cometer atos de <i>bullying</i> com outras pessoas, porque além de constranger vai afastar mais ainda a pessoa de perto da gente e ela começa a se sentir inferior à outras pessoas. Se a pessoa que sofre o <i>bullying</i> for um estudante, ele acaba desistindo de estudar. E a escola tem trabalhado bastante para que tenhamos respeito uns com os outros, porque se queremos respeito temos que respeitar os outros também.</p>
Aluno 5	<p>Às vezes. Lembro de uma vez. Pelo que eu lembro estudei melhor essa questão na outra escola que eu estudava, mas nessa não lembro.</p>
Aluno 6	<p>Já sim, como eu disse as professoras falam que na escola não é bom ter o <i>bullying</i>, não pode e elas falam que as pessoas que sofrem <i>bullying</i> se sentem sempre sozinhas.</p>

Aluno 7	A escola tem trabalhado muito pouco. Ela trabalhou mais por cima, mas não explica realmente o que é. Eu sei mais sobre isso porque eu busco mais fora, como na internet.
Aluno 8	Ela sempre tem trabalhado mais as causa do <i>bullying</i> . Acho que seria bom ter alguma matéria relacionada a isso. Se tivesse era certeza que todos saberiam o que realmente é.
Aluno 9	Acho que sim, pelas regras que existem na escola, mas não me recordo dos professores trabalharem em sala.
Aluno 10	Só a professora de português. Ela disse que o <i>bullying</i> não pode acontecer, mas não explicou realmente o que é foi apenas uma conversa. As pessoas antes de falar alguma coisa tem que pensar para não machucar ninguém. Se uma pessoa não quer ser debochada, não pode ficar debochando da cara do outro.

Fonte: ZANARDI, Jislaine (2014) - Questionário Aplicado.

De acordo com as considerações acima, alguns alunos relatam que a escola deixa muito a desejar na questão do *bullying*, pois, segundo eles, a escola tem trabalhado sobre esse fenômeno apresentando as causas e consequências que ele pode provocar, mas não tem trabalhado realmente o que é de fato esse fenômeno. Outros alunos consideram que a escola tem trabalhado bastante, seja em palestras e cartazes de modo que o aluno tenha respeito uns com os outros.

Tabela 33: Conhecimento da família da vítima de *bullying*.

Seus pais ou responsáveis tiveram conhecimento do fato? Se sim, como reagiram?	
Aluno 1	<p>Você me relatou que seus pais tiveram sim conhecimento do fato, mas que isso só aconteceu após seu irmão apanhar na escola. Como eles procederam a isso?</p> <p>Primeiramente minha mãe foi na escola tentar resolver com a direção, mas não resolveu. Aí me trocaram de escola.</p> <p>Como tentaram resolver?</p> <p>Minha mãe relatou para a diretora que estavam me batendo, xingando e que queria que a escola tomasse alguma providência. Mas como não resolveu nada, minha mãe resolveu trocar de escola.</p>
Aluno 2	Sim. Ficaram sabendo a pouco tempo, aí eles demoraram a acreditar, ficaram muito mal com isso.
Aluno 3	
Aluno 4	
Aluno 5	<p>Não. Não queria que eles brigassem comigo.</p> <p>Você não pensou que eles poderiam te ajudar?</p> <p>Nunca pensei.</p>
Aluno 6	Bom, eu contava pra minha mãe, e ela falava que eu não podia deixar me influenciar por isso.
Aluno 7	
Aluno 8	Sim, eles até foram na escola pra tentar resolver, mas como eu disse o diretor era meu primo então não resolveu nada, ele deixava os outros tomarem conta dele. Aqui nessa escola os professores estão a par da minha situação.
Aluno 9	Sim, eles até vieram na escola quando fui agredida. Eles ficaram muito bravo pelo fato de outras pessoas vir me agredir sem eu ter cometido nada.

Aluno 10	Aluno não respondeu.
-----------------	----------------------

Fonte: ZANARDI, Jislaine (2014) - Questionário Aplicado.

Como podemos verificar os relatos acima e o da tabela 32, durante muito tempo os pais ou responsáveis dos alunos e até mesmo a escola não tinham conhecimento do fato por temerem represálias. Exceto um aluno que preferiu não comentar com seus pais por temer que os mesmos brigassem com eles. Segundo ele, os pais nunca souberam do fato.

Tabela 34: Orientações dos pais ou responsáveis sobre como lidar com o *bullying*.

Você recebe ou recebeu alguma orientação de seus pais ou responsáveis para lidar com o <i>Bullying</i>?	
Aluno 1	<p>Bom, na época meu pai falou: Olha se uma pessoa não fazer nada pra você, você fica quieta, mas se ela começar te agredir se defende não fica apanhando também.</p> <p>E você fez isso?</p> <p>Não (risos). Geralmente eram bastantes meninas</p> <p>Qual era o local em que você geralmente sofria?</p> <p>Muitas vezes aconteciam na Educação física, no recreio. Na Educação Física eu sempre jogava e elas aproveitavam e vinham pra cima mesmo. Ninguém fazia nada. Na frente dos professores elas geralmente mudavam seus comportamentos. Eram mais as agressões verbais como xingamentos e os professores achavam que eram brincadeirinhas pelo fato de não ter conhecimento.</p> <p>Por qual motivo você preferia não contar aos seus professores?</p> <p>Por temer que elas fizessem algo pior.</p>
Aluno 2	<p>Sim, eles falavam pra mim não caçar confusão, deixar quieto. Então eu ficava sempre quieta.</p>
Aluno 3	<p>Você chegou a ter recebido alguma orientação dos seus pais, caso você chegasse a sofrer o <i>bullying</i>?</p> <p>Meus pais costumam conversar comigo, mas em relação ao <i>bullying</i> eles nunca comentaram. Mas independente de acontecer alguma coisa eu sei que posso contar com eles, porque eles sempre estão abertos.</p>
Aluno 4	<p>Você recebeu alguma orientação de seus pais caso sofresse <i>bullying</i>?</p> <p>Sim, eles falavam pra mim se eu sofresse <i>bullying</i> independente as pessoas fossem meus amigos não era pra mim ligar, era pra deixar pra lá. Até porque eu não seria aquilo que eles pudessem falar. Eu sempre desviava o foco mesmo sendo meus amigos mais próximos.</p>

	Tenho um amigo que ele sofria <i>bullying</i> por ser mais gordo e eu sempre falava pra ele não ligar para o que os outros falavam porque se não ele iria ser uma pessoa triste, pra seguiu apenas o foco no que ele estava fazendo.
Aluno 5	Eles sempre falavam pra mim ficar no meu canto, não ligar pra que os outros falassem.
Aluno 6	Minha mãe me dava uns conselhos pra não ligar, deixar de lado. Aí eu fui ouvindo os conselhos dela, fui deixando de lado, fingia que nem ligava, mas isso me afetava e ainda afeta.
Aluno 7	Você chegou a receber alguma orientação de seus pais, caso você sofresse <i>bullying</i>? Não. Acho que a mãe não tem nem conhecimento do <i>bullying</i> , deve ter visto alguma coisa só na TV.
Aluno 8	Eles sempre me falam para não ligar com que os outros falam, tenho que me concentrar no que estou fazendo. Quando algo acontecer devo falar com meus professores.
Aluno 9	O único conselhos que eles me dão é que se eu for brigar é melhor eu apanhar do que bater. Porque a situação não se agrava. Se eu reagir, não vai acabar tão cedo as brigas.
Aluno 10	Você chegou a receber alguma orientação de seus pais caso você sofresse <i>bullying</i>? Eles sempre falam pra eu não ficar procurando encrenca com ninguém, porque eu não quero que os outros ficam debochando de mim não devo ficar debochando de ninguém.

ZANARDI, Jislaine (2014) – Questionário Aplicado.

No que se refere às orientações dos pais para lidar com o *bullying*, podemos observar que a maioria dos alunos relatou receber orientações para não ligar com que as outras pessoas falavam ou faziam a seu respeito. Fica evidente que para os alunos, isso o afetava muito, pois apesar de se passarem por uma pessoa tranquila, suas angústias e aflitos aumentavam cada vez mais.

Tabela 35: Orientações dos professores sobre como lidar com o *bullying*.

Você recebeu alguma orientação dos professores para lidar com o <i>bullying</i>?	
Aluno 1	<p>Você me relatou anteriormente que os professores trabalham o assunto em sala de aula muito pouco em relação ao <i>Bullying</i>, qual a orientação que eles passam para lidar com essa questão?</p> <p>Olha não passam nada, só falam que isso não pode acontecer entre os alunos.</p> <p>Hoje quando vejo acontecendo algo que sinto que esta errado com a outra pessoa, ou brigo, tipo dou lição de moral para a outra pessoa. Falo que isso não é legal, certamente não gostaria que fizessem com ele, mesmo achando que aquilo é brincadeira, para a pessoa não é.</p> <p>E você já presenciou isso?</p> <p>Já, um monte de vezes. Na minha sala tem um menino que eles gostam de zoar dele e ele ri, eu sei que ele ri. Ele quer disfarçar, mas eu sei que ele está sentindo.</p> <p>Seus professores têm conhecimento desse fato? Como eles reagem?</p> <p>Olha, muitas vezes os meninos fazem piadinhas e os professores até riem. Eu já sofri isso então eu sei que a pessoa sofre, a pessoa pode até estar rindo por fora, mas por dentro não.</p>
Aluno 2	<p>Os professores sempre falam pra não ficar fazendo brincadeiras de mau gosto com os outros, todos temos um jeito de ser, de se comportar. E não importa a estrutura física da pessoa, o que importa é o seu interior.</p>
Aluno 3	<p>Você me relatou que os professores trabalham as causas e consequências em sala de aula. Qual a orientação que eles passam para os alunos caso sofram o <i>bullying</i>?</p> <p>De conversar com quem está sofrendo.</p> <p>De que maneira?</p>

	<p>De modo a ajudar aquela pessoa a saber lidar com isso. Para futuramente não vir a sofrer uma depressão ou algo parecido.</p> <p>Quais as consequências que uma pessoa pode ter sendo vítima do <i>bullying</i>?</p> <p>Depressão, ou sei lá, pode até tentar suicídio.</p> <p>Você já presenciou uma cena de <i>bullying</i>?</p> <p>Já presenciei, já ouvi também a própria professora relatar em sala que ela sofria <i>bullying</i> quando ela era nova e com isso ela se cortava, nos mostrou até a marca no braço.</p>
Aluno 4	<p>Eles não falavam diretamente pra mim, mas com toda a sala que devemos respeitar, até mesmo porque estamos na escola para ser educados e não ficar chamando os outros por apelidos. Fazendo isso não tem um por que estar na escola. Estamos aqui para aprender e saber lidar com as pessoas.</p> <p>Você acredita que o <i>bullying</i> acontece somente na escola?</p> <p>Não. Na minha própria família temos um costume de ficar apelidando os outros e isso pra mim é uma coisa legal, sempre temos respeito um com o outro. Na hora de brincar nós brincamos, na hora de falar sério falamos.</p> <p>Já presenciei <i>bullying</i> no lar dos meus amigos, na rua. No esporte, porque lá ficam xingando uns aos outros, e é o que eu mais presencio.</p>
Aluno 5	<p>Eles falavam pra não ligar, fingir que não era com você, ignorar que dessa forma, as pessoas iriam parar. Mas eles não sabiam que eu sofria <i>bullying</i>, ninguém sabia.</p>
Aluno 6	<p>Sim, a gente nunca pode reagir de forma inadequada. Devemos chegar na pessoa e perguntar o por que elas me xingaram, por que que elas bateram em mim e é isso, os professores me ajudam.</p> <p>Eu falo isso de forma geral, mas não que professores</p>

	saibam dos meus problemas, mas é isso que eles falam para a turma toda, procurar saber o porquê as pessoas estão reagindo assim conosco.
Aluno 7	Não, eles não falam exatamente o que o <i>bullying</i> é, e sim que ele não pode existir em nosso meio.
Aluno 8	Olha, a orientação que eles sempre passam é que devemos aceitar as diferenças de cada um. Todos nós somos diferente, então ninguém é melhor que ninguém para ficar tirando sarro ou algo parecido.
Aluno 9	Não, eu sempre sigo algo da minha cabeça. Cheguei a fazer um trabalho sobre o <i>bullying</i> , então eu estudei sobre isso por isso que sei mais ou menos o que fazer quando isso acontecer.
Aluno 10	Eles sempre falam que o <i>bullying</i> não pode acontecer dentro da sala e nem na escola, porque isso é crime, pode provocar depressão, deixa a gente pra baixo, a gente fica deprimida.

ZANARDI, Jislaine (2014) – Questionário Aplicado.

De acordo com os relatos acima, podemos analisar as variedades verbais sobre as orientações dos professores. Alguns alunos relatam não receber orientação de como lidar com tal fenômeno, mas sabem que essas atitudes não podem acontecer no ambiente escolar. Outros alunos dizem receber orientações das consequências que o *bullying* pode acarretar caso o aluno sofrer. Já outros, consideram que os professores passam aos alunos que a escola é um ambiente onde os alunos vem para estudar e não para ficar de piadinhas com os demais portanto, deve ser respeitado e respeitar também as diferenças dos demais.

3.4.1 Análise das respostas dos alunos às questões a eles formuladas na entrevista

Ao serem questionados sobre a compreensão dos alunos sobre o *bullying* (questão 1), podemos perceber que as concepções são diversas. De forma geral, todos enfatizam que é uma agressão, porém, alguns alunos relatam a agressão física e a maioria a psicológica.

Considerando as definições das autoras Fante (2011) e Silva (2010), para ser considerado *bullying* é necessário haver testemunhas e existir uma frequência nos atos. Desse modo, vale ressaltar que na compreensão trazida pelos alunos, estes só compreendem o *bullying* como uma forma de agressão.

Se tratando do tipo de *bullying* sofrido (questão 2), podemos analisar que a maioria considera sofrer de agressões verbais e psicológicas (xingamentos, tirar sarros, chamar de gordos, ser um ET, cabelo de Bombril). É importante ressaltar que alguns percebem que o *bullying* tem diminuído, sendo manifestado, agora, através de piadinhas. Outros consideram que na atualidade estão lidando melhor com ele.

Outro aspecto interessante a ressaltar é que alguns dos alunos indicados pelos professores como vítimas (Alunos 3, 4 e 9) não se consideram como tal. Podemos perceber que nesses alunos poderia estar funcionando o mecanismo de defesa de negação da realidade descrito por Freud.

Quando indagados sobre a frequência (questão 3), podemos observar que a maioria expressa que sofriam *bullying* frequentemente (todo dia e a todo momento). Observamos, então que existe uma contradição em suas respostas, pois na pergunta dois, alguns alunos consideram que sofreram *bullying* e que, agora, não padece mais *“depois que eu mudei de escola não mais; sofri quando eu estudava até a 8ª. série; eu sofri apenas aquela vez na escola”*, porém quando questionados sobre a frequência afirmam que ainda estão sofrendo, mas que hoje consideram de menor intensidade *“hoje são mais xingamentos; sofro às vezes, mas é menos frequente; sofri muito e ainda sofro; depois que comecei a usar óculos é menos frequente; hoje não sofro muito”*.

As respostas das testemunhas (questão 4), segundo as percepções das vítimas são diversas. A maioria das testemunhas permanecem quietas, pois como afirma Silva (2010, p. 45), “[...] assumem essa postura por medo absoluto de se tornarem a próxima vítima”. Outras riem e tiram sarro e outras tentam ajudar.

No que se refere ao conhecimento da diretoria da escola sobre o caso, podemos observar que alguns alunos preferiam guardar consigo o seu sofrimento, preferindo não expor o seu problema com ninguém. Beane (2010), considera que:

Alguns estudantes ficam embaraçados ou envergonhados de contar aos adultos porque se convenceram de que são culpados pelas intimidações –

de que há algo de errado com eles ou que são incapazes de deter o processo sozinhos. (p. 34).

Quando questionado se a escola tem trabalhado o fenômeno *bullying*, fica evidente que a maioria dos alunos relata que não. Segundo eles, os professores em sala de aula costumam trabalhar as causas e consequência do fenômeno, mas não trabalham o que de fato é o *bullying*. Um aluno chega a relatar que “*Eu sei mais sobre isso porque eu busco mais fora, como na internet*”. Portanto, podemos considerar que, do ponto de vista dos alunos, a questão do *bullying* ainda não está claro.

Considerando os relatos dos alunos em relação ao conhecimento dos pais sobre tal fenômeno, podemos analisar que grande parte só souberam após um longo período e que, após saber imediatamente procuraram a escola em busca de uma solução. Beane (2010), ressalta que “algumas crianças não contam aos adultos porque temem que o envolvimento desses adultos possa tornar a situação ainda pior. Esse medo às vezes é justificado”. (p. 34). Colaborando com a ideia, Fante (2011, p. 49), acrescenta que “é comum que a vítima não conte para os professores e para os pais o que lhe acontece na escola”.

Em se tratando das orientações recebidas dos pais para lidar com tal situação (questão 8), podemos observar que todos os alunos de uma forma ou de outra receberam orientações e que buscavam seguir a risca, mas que isso não ajudava a amenizar seu sofrimento interno. Como mostra em um dos relatos, “*Minha mãe me dava uns conselhos pra não ligar, deixar de lado. Aí eu fui ouvindo os conselhos dela, fui deixando de lado, fingia que nem ligava, mas isso me afetava e ainda afeta*”. Fante (2011, p. 49), assevera que alunos assim “Aos poucos vai se isolando do grupo-classe, uma vez que sua reputação se torna cada vez pior entre seus companheiros por causa das constantes gozações e dos ataques abertos”.

3.5 Análise das respostas aos questionários e entrevistas aplicados aos alunos

Considerando os instrumentos utilizados através do questionário e entrevista, pode se perceber que, para a maioria dos alunos a compreensão do *bullying* ainda

não está clara. Uma das principais razões da incompreensão está no fato dos professores, segundo os alunos, não trabalharem este fenômeno dentro da sala de aula, apresentando para eles apenas as causas da violência. Nessa perspectiva, Silva (2010), ressalta que os profissionais da educação, em sua grande maioria, não estão preparados para identificarem e enfrentarem a violência dentro do ambiente escolar.

Durante os relatos dos alunos percebe-se as contradições apresentadas no que diz respeito ao sofrimento causado por este fenômeno. Há relatos de alunos que, ora dizem não sofrer mais *bullying*, ora dizem sofrer, mas que conseguem lidar com a situação ou que as agressões sofridas são mais leves.

Podemos analisar que alguns alunos indicados pelos professores não se consideram como vítimas, mas que ao ser questionado sobre a compreensão de tal fenômeno entendem a violência da mesma maneira que na concepção dos professores. Como já mencionado anteriormente, esses alunos podem estar utilizando o mecanismo de defesa denominado negação.

Outro fator a ponderar são as omissões dos alunos em falar sobre seu problema aos pais e professores devido ao medo de que a situação possa se agravar. Beane (2010), explica que uma das razões pelas vítimas não contarem aos adultos ou responsáveis surge em decorrência de ignorarem seus relatos.

3.6 Análise professor/ Aluno

Considerando os instrumentos utilizados através dos questionários e entrevistas com os professores e os alunos, podemos analisar que de acordo com os docentes é trabalhado o fenômeno *bullying* dentro da sala de aula através de diversas abordagens, no entanto segundo os alunos o assunto não é tratado em sala de aula de forma clara, argumentando que os professores abordam o assunto trazendo as consequências sobre o *bullying*, e não esclarecendo o que de fato é este fenômeno, levando esses alunos a buscarem conhecimentos em outros meios de informações como a mídia por exemplo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O problema que nos propomos dar solução foi: Qual a situação existente do fenômeno *Bullying* na escola objeto da pesquisa? A partir daí colocamos os seguintes objetivos: compreender a situação do *bullying* na escola; verificar os casos de *bullying* existente no ambiente; avaliar como está sendo trabalhado esse fenômeno na escola e analisar as considerações de professores e alunos sobre o *bullying*.

Para dar solução ao problema e atingir os objetivos, elaboramos um questionário, um roteiro de entrevista e um processo que inclui: seleção dos professores e dos alunos considerados vítimas, agressores e testemunhas e a aplicação do questionário e das entrevistas.

Ao término deste trabalho podemos considerar que os objetivos desta pesquisa foram alcançados, uma vez que ele apresenta compreender a situação do *bullying* na amostra pesquisada em uma escola do município de Juína - MT. É importante destacar que se trata de uma amostra incluindo 10 alunos e 9 professores, portanto não podemos generalizar a escola como um todo.

Através da pesquisa realizada foi possível constatar por meio dos questionários e entrevistas, a frequência do *bullying* tanto dentro da sala de aula como no interior da escola como um todo. Apesar de alguns alunos negarem inicialmente serem vítimas, foi possível perceber que ainda sofrem de tal fenômeno, porém com menos intensidade. Os casos mais apontados foram agressões verbais e psicológicas.

Os professores vem trabalhando este fenômeno com palestras, charges, temas relacionados ao preconceito e variações linguísticas, de modo que os alunos compreendam da existência desse fenômeno e saibam das nefastas consequências que o *bullying* pode acarretar. Entretanto, a partir das considerações dos alunos, percebe-se que essa questão não fica clara, apresentando assim uma divergência nas informações proporcionadas pelos alunos e professores, pois muitos alunos indagam que o assunto é trabalhado de forma superficial.

Verificamos, também, que os motivos que levam a prática do *bullying* segundo as respostas dos professores e alunos, estão relacionados a desestrutura familiar, jovens com problemas na formação do eu, vingança e inveja.

Em relação às consequências psicológicas acarretadas nos indivíduos vítimas do *bullying*, os alunos citaram baixa autoestima, sentimentos negativos, retraimento, angústias, estresse e depressão.

Os professores manifestaram a grande necessidade do profissional psicólogo estar inserido no ambiente escolar para orientar, tanto alunos como professores, sobre os diferentes aspectos relacionados à compreensão, enfrentamento e prevenção do *bullying*.

O problema e os objetivos propostos nesta pesquisa foram alcançados, embora não possamos generalizar para toda a escola. Existe o fenômeno *bullying* e está sendo trabalhado, mas de forma muito precária, no sentido de que se realizam poucas atividades para que os alunos tenham uma clara compreensão deste fenômeno e poucas atividades para combater e prevenir o mesmo.

Consideramos que os instrumentos elaborados e utilizados, embora possam ser aperfeiçoados, permitiram obter informações valiosas para estudar o *Bullying* na escola.

Tendo como base os resultados alcançados na pesquisa, consideramos que a presença do psicólogo escolar se faz indispensável por este ser um profissional capacitado para efetivar um trabalho de prevenção e enfrentamento da violência escolar, auxiliando para que a escola se torne um ambiente de relações mais saudáveis.

REFERÊNCIAS

- ABRAMOVAY, Miriam est. al. **Escola e violência**. Brasília: UNESCO, 2002.
- ANDRADE, E. V.; BEZERRA, Junior B. **Um a reflexão acerca da prevenção da violência a partir de um estudo sobre agressividade humana**. Cien Saúde Colet, V. 5, 445-53, 2009;
- ANDRADE, Lédio Rosa de. **Violência: psicanálise, direito e cultura**. Campinas, SP: Millennium, 2007.
- BARROS, Aidil de Jesus Paes de. **Projeto de pesquisa: propostas metodológicas**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1990.
- BEANE, Allan L (1950); Trad. ISIDORO, Débora Guimarães. **Proteja seu filho do bullying**. Rio de Janeiro: BestSeller, 2010.
- BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. 11 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007.
- BRAGHIROLI, Elaine Maria. **Psicologia Geral**. 28 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.
- Camargo, Orson. **Bullying**. Disponível em: <http://www.brasilecola.com/sociologia/bullying.htm>. Acesso em: 3 nov. 2013.
- CASSINS, Ana Maria. **Manual de psicologia escolar**. Curitiba: Gráfica e Editora Unificado, 2007.
- CÉZAR, Neura; BARROS NETA, Maria da Anunciação Pinheiro. **O impacto do fenômeno Bullying na vida e na aprendizagem de crianças e adolescentes**. Disponível em: <http://www.ie.ufmt.br/semiedu2009/gts/gt2/ComunicacaoOral/NEURA%20CEZAR.pdf> >. Acesso em 3 nov. 2013.
- CHARLOT, Bernard. **A violência na escola: como os sociólogos abordam essa questão**. Disponível em: < <http://www.scielo.br/pdf/soc/n8/n8a16> >. Acesso em: 7 nov. 2014.
- COSTA, Jurandir Freire. **Violência e psicanálise**. 2º ed. São Paulo: Graal, 1986.
- COSTANTINI, Alessandro. **Bullying, como combatê-lo: prevenir e enfrentar a violência entre jovens**. Trad. Eugênio Vinci de Moraes. São Paulo: Itália Nova Editora, 2004.
- Erikson, E. **Infância e Sociedade**. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 1971.
- FADIMAN, James. **Personalidade e crescimento pessoal**. Trad. Daniel Bueno. 5. ed. Porto Alegre: Artmed, 2004.

FANTE, Cleo. **Fenômeno bullying**: como prevenir a violência nas escolas e educar para a paz. 6.ed. Campinas,SP: Editora Verus, 2011.

FREIRE, A. N.; AIRES, J. S. A Contribuição da Psicologia Escolar na Prevenção e no Enfrentamento do *Bullying*. **Revista Semestral da Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional**, SP. V.16, n.1, Jan/Jun. 2012.

FREUD, S. **El malestar en la cultura**. v. XXI. 1930.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. São Paulo: Atlas, 1999.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6 ed. São Paulo: Atlas, 2012.

GOMES, V. L. O; FONSECA, A. D. **Dimensões da violência contra crianças e adolescentes, apreendidas do discurso de professores e cuidadoras**. Disponível em: < <http://www.scielo.br/scielo.php> > . Acesso em: 18 out. 2014.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Metodologia Científica**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2011.

LIMA, Ana Maria de Albuquerque. **Cyberbullying e outros riscos da Internet: despertando a atenção de pais e professores**. Rio de Janeiro: Wak Editora, 2011.

LIMA, Monoelita Correia. **Monografia: a engenharia da produção acadêmica**. 2. ed. São Paulo: Saraiva, 2008.

LOPES NETO, A.A. Neto. **Bullying - comportamento agressivo entre estudantes**. Disponível em: < <http://www.scielo.br/pdf/jped/v81n5s0/v81n5Sa06.pdf> > . Acesso em 3 nov. 2013.

MARTANI, Silvana. **É difícil ser criança**. Disponível em: <http://www.observatoriodainfancia.com.br/article.php3?id_article=419> Acesso em 3 nov. 2013.

MARTINEZ, Albertina Mitijáns. **Psicologia Escolar: ética e competência na formação e atuação profissional**. Campinas: Editora Alínea, 2003.

MEIRA, M. E. M. **Psicologia Escolar: Pensamento Crítico e Práticas Profissionais**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2000.

MILAN, Cléia Garcia da Cruz. **Bullying**: discussão sobre atitudes escolares. Disponível em: <http://www.ple.uem.br/3celli_anais/trabalhos/estudos_literarios/pdf_literario/023.pdf>. Acesso em 4 nov. 2013.

MINAYO, MCS. A violência social sob a perspectiva da saúde pública. *Cad. Saúde Pública*. 1994; 10 (suppl. 1): 7-18.

MONTEIRO, Carlos Antônio Ribeiro. **A atuação do psicólogo escolar face à problemática do bullying em contexto escolar.** Disponível em: <<http://bdigital.unipiaget.cv:8080/jspui/bitstream/10964/346/1/carlos%20A.%20Monteiro%20PSI.pdf>>. Acesso em: 4 de març. de 2014.

ROSA, Maria José Araujo. **Violência no ambiente escolar:** Refletindo sobre as consequências para o processo ensino aprendizagem. V. 8, n.4, Jul/Dez. 2010.

SANTOS, Luciana Pavan Ribeiro dos. **O papel do professor diante do bullying na sala de aula.** Disponível em: <<http://www.fc.unesp.br/upload/pedagogia/TCC%20Luciana%20Pavan%20-%20Final.pdf>>. Acesso em 16 nov. 2013.

SILVA, Ana Beatriz B. **Bullying:** Cartilha 2010 – Projeto justiça nas escolas. 1.ed. Conselho Nacional de Justiça. Brasília/DF 2010.

SILVA, Ana Beatriz B. **Bullying:** mentes perigosas nas escolas. Rio de Janeiro: Objetiva, 2010.

SILVA, Edna Lúcia da. **Metodologia da pesquisa e elaboração de dissertação.** 4.ed. ver. Atual. Florianópolis: UFSC, 2005.

WINNICOTT, D. W. **Agressão e sua relação com o desenvolvimento emocional.**(1950-5). Da Pediatria à Psicanálise. Rio de Janeiro: Imago Editora Ltda, 1975.

YOKOY, T.; PEDROZA, R. L. S. **Psicologia Escolar em educação infantil:** reflexões de uma atuação. Psicologia Escolar e Educacional, vol.9, nº1, 2005, p.95-104.

ANEXO A – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO



AJES – INSTITUTO SUPERIOR DE EDUCAÇÃO DO VALE DO JURUENA BACHAREL EM PSICOLOGIA

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

O respeito devido à dignidade humana exige que toda pesquisa se processe após consentimento livre e esclarecido dos sujeitos, indivíduos ou grupos que por si e/ou por seus representantes legais manifestem a sua anuência à participação na pesquisa.

Exige-se que o esclarecimento dos sujeitos se faça em linguagem acessível e que inclua necessariamente os seguintes aspectos:

O senhor (a) está sendo convidado (a) a participar de uma pesquisa na área de Psicologia intitulada “**UM ESTUDO DE CASO SOBRE O BULLYING EM UMA ESCOLA ESTADUAL NO MUNICÍPIO DE JUÍNA**”. Este estudo está sendo conduzido pela graduanda em Psicologia da AJES de Juína/MT, Jislaine Zanardi, portadora do RG 2318796 - 4 SSP-MT, orientada pelo Prof^o. Dr. Francisco Curbelo Bermúdez.

Esta pesquisa tem como objetivo geral, compreender a situação de *Bullying* existente na Escola Estadual situada no município de Juína MT.

Ao assinar este termo de consentimento livre e esclarecido, o senhor (a) estará também autorizando a pesquisadora a publicar os seus resultados, por meio de veículos impressos, apresentação em eventos acadêmicos ou outros meios de divulgação científica, sem nenhum tipo de ressarcimento, garantindo a sua privacidade em todo o processo.

EU _____,
portador do RG _____ SSP/_____ declaro que fui informado e devidamente esclarecido do projeto de pesquisa intitulado “Consequência psicológica nas vítimas de *bullying*”, desenvolvido pela acadêmica Jislaine Zanardi, devidamente matriculada no curso de Psicologia da AJES, quanto aos itens da resolução 196/96.

Declaro que após ser esclarecido pelo pesquisador a respeito da pesquisa, consinto voluntariamente em participar desta pesquisa.

Assinatura do pesquisado

Juína, ___ de _____ de 2014

Declaração do pesquisador

Declaro, para fins da realização da pesquisa, que cumprirei todas as exigências acima, na qual obtive de forma apropriada e voluntária, o consentimento livre e esclarecido do declarante acima, qualificado para a realização desta pesquisa.

Jislaine Zanardi

APÊNDICE

APÊNDICE A – QUESTIONÁRIO PROFESSOR

AJES – INSTITUTO SUPERIOR DE EDUCAÇÃO DO VALE DO JURUENA
BACHAREL EM PSICOLOGIA

1. O que é *Bullying*? Qual é a compreensão que o(a) senhor(a) tem do *Bullying*?

2. Na sua sala já aconteceu ou acontece casos de *Bullying*? Explique.

a) Aconteceu () b) Acontece () c) Não aconteceu/acontece ()

3. Como(a) senhor(a) avalia a ocorrência do *Bullying*?

c) Na escola:

É muito frequente () É frequente () Ocorre às vezes () É muito raro () Não ocorre ()

d) Em sala de aula:

É muito frequente () É frequente () Ocorre às vezes () É muito raro () Não ocorre ()

4. Você acha que esse tipo de comportamento, ou seja, o *Bullying*, pode trazer consequências para os alunos envolvidos? Quais? Explique.

5. Segundo sua opinião, qual deve ser a reação do professor diante de casos de *Bullying*? Explique.

6. Você acha que as atitudes do professor podem contribuir para que casos de *Bullying* ocorram na sala de aula? Explique.

7. Na sua formação estudou alguma vez sobre o *Bullying*? Explique.

8. Segundo sua opinião, o que pode ser feito para evitar e/ou combater o *Bullying*? Explique.

9. Segundo sua opinião, quais são as causas do *Bullying*?

APÊNDICE B – QUESTIONÁRIO PILOTO ALUNO

AJES – INSTITUTO SUPERIOR DE EDUCAÇÃO DO VALE DO JURUENA
BACHAREL EM PSICOLOGIA

Série: _____

Idade: _____

1. O que você entende por *Bullying*? Quais as principais características do *Bullying*? Explique.

2. Você já sofreu ou sofre *Bullying*?

() sim

() não.

Se sim, como reagiu ou reage e o que sentiu ou sente? Como foi a reação das outras pessoas

3. O que você faria se fosse vítima do *Bullying*? Explique.

4. **Você conhece alguém que já sofreu *Bullying*? Explique.**

5. **O que faria se um colega seu estivesse sendo vítima do *Bullying*?**

6. **Você já presenciou algum caso de *Bullying*? O que você fez?**

7. **Você acha que podemos acabar com o *Bullying*? Como?**

Quais são as consequências que o *Bullying* provocou em você?

() Verbal

() Física

() Psicológicas ou Moral

() Sexual

() Virtual

Explique.

8. Em geral podemos evitar o *Bullying*? Como?

9. Você acredita que hoje em dia as escolas estão preparadas para encarar o *Bullying*? Explique.

Segundo sua opinião por que uma pessoa comete *Bullying*? Explique.

APÊNDICE C - QUESTIONÁRIO ALUNO



AJES – INSTITUTO SUPERIOR DE EDUCAÇÃO DO VALE DO JURUENA BACHAREL EM PSICOLOGIA

1. IDENTIFICAÇÃO

I - Série: _____ II - Sexo: () F () M III - Idade: _____

IV- Escolaridade dos pais:

Mãe

- | | | | | |
|-------------------------------------|---------------------------------------|-----------------------------------|-----------------------------------|-------------------------------------|
| <input type="checkbox"/> Analfabeto | <input type="checkbox"/> Alfabetizado | <input type="checkbox"/> 1º Grau | <input type="checkbox"/> Completo | <input type="checkbox"/> Incompleto |
| | | <input type="checkbox"/> 2º Grau | <input type="checkbox"/> Completo | <input type="checkbox"/> Incompleto |
| | | <input type="checkbox"/> Superior | <input type="checkbox"/> Completo | <input type="checkbox"/> Incompleto |

Pai

- | | | | | |
|-------------------------------------|---------------------------------------|-----------------------------------|-----------------------------------|-------------------------------------|
| <input type="checkbox"/> Analfabeto | <input type="checkbox"/> Alfabetizado | <input type="checkbox"/> 1º Grau | <input type="checkbox"/> Completo | <input type="checkbox"/> Incompleto |
| | | <input type="checkbox"/> 2º Grau | <input type="checkbox"/> Completo | <input type="checkbox"/> Incompleto |
| | | <input type="checkbox"/> Superior | <input type="checkbox"/> Completo | <input type="checkbox"/> Incompleto |

2. O que você entende por *Bullying*? Quais as principais características do *Bullying*? Explique.

3. Você já sofreu ou sofre *Bullying*?

() sim.

() Não.

Se sim, como reagiu ou reage e o que sentiu ou sente? Como foi a reação das outras pessoa?

Se não, o que você faria se fosse vítima do *Bullying*? Explique.

4. Você conhece alguém que já sofreu *Bullying*? Explique.

5. O que faria se um colega seu estivesse sendo vítima do *Bullying*?

6. Você já presenciou algum caso de *Bullying*? O que você fez?

7. Você acha que podemos acabar com o *Bullying*? Como?

8. Quais são as consequências que o *Bullying* provocou em você?

- () Baixa auto-estima;
 - () Retraimento;
 - () Sentimentos negativos;
 - () Depressão;
 - () Angústia;
 - () Estresse;
 - () Evasão escolar;
 - () Outras.
-
-
-

9. Em geral podemos evitar o *Bullying*? Como?

10. Você acredita que hoje em dia as escolas estão preparadas para encarar o *Bullying*? Explique.

11. Segundo sua opinião por que uma pessoa comete *Bullying*? Explique.

APÊNDICE D - ROTEIRO DE ENTREVISTA PARA A VÍTIMA



AJES – INSTITUTO SUPERIOR DE EDUCAÇÃO DO VALE DO JURUENA BACHAREL EM PSICOLOGIA

1. Em que consiste o *bullying*?
2. Em que consistiu o *bullying* sofrido?
3. Com que frequência tem sofrido *bullying*?
4. Qual foi a reação das testemunhas que estava presente quando sofreu *bullying*?
5. A direção da escola tomou algum posicionamento? Se sim, o que fez?
6. O que tem sido feito na escola para trabalhar essa questão?
7. Seus pais ou responsáveis teve conhecimento ao fato? Se sim, como reagiram?
8. Você recebe ou recebeu alguma orientação dos seus pais ou responsáveis para lidar com o *bullying*?
9. Você recebe ou recebeu alguma orientação dos professores para lidar com o *bullying*?

APÊNDICE E - ROTEIRO DE ENTREVISTA PROFESSOR



AJES – INSTITUTO SUPERIOR DE EDUCAÇÃO DO VALE DO JURUENA BACHAREL EM PSICOLOGIA

1. A escola tem oferecido a possibilidade na formação continuada para que os professores compreendessem e se conscientizassem da existência do fenômeno *bullying* e suas consequências?
2. O que a escola tem feito para trabalhar a questão do *bullying*?
3. O que a escola tem feito para impedir para que aconteçam novos casos de *bullying*?
4. O que a escola tem feito com as vítimas, agressores, a plateia e a família?
5. Que tipo de atividade tem sido feito para compreender e combater o *bullying* dentro de sala de aula?
6. Como o professor durante as aulas tem tratado a questão do *bullying*?
7. Tem pesquisado sobre o fenômeno *bullying*? Que fonte de informação tem buscado? Quais foram os aspectos abordados nessa fonte de informação?
8. Qual a necessidade que sente de um profissional da psicologia (psicólogo) para o combate e enfrentamento do *bullying* dentro da escola?